
BOLETIM TEOLÓGICO

Fraternidade Teológica Latino-Americana
Setor Brasil

NESTE NÚMERO

- De Gestantes e Parteiras
Meditações sobre Êxodo 1.15-22
- Os Sinais do Reino de Deus
na História
- O Papel da Mulher
Uma Perspectiva Histórica
da Ética Cristã
- Declaração de Huampani

Volume 7
Número 21
Julho-Setembro de 1993



BOLETIM TEOLÓGICO

Assinaturas

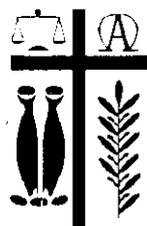
Brasil:	consulte no endereço abaixo
Países da América Latina	US\$ 12.00
Demais países	US\$ 15.00

Pedidos e Informações:

Boletim Teológico (FTL-B)
At. Rev. Jair Álvares Pintor
Rua Pires da Mota, 110 - Aclimação
CEP 01529-000 - São Paulo/SP
Fone (011) 277-7618

Revista trimestral da
Fraternidade Teológica Latino-Americana
Seção Brasil

BOLETIM TEOLÓGICO



Ano 7 - Nº 21
Julho-Setembro 1993

BOLETIM TEOLÓGICO

Ano 7 - Nº 21 - Jul-Set 93

Revista do Setor Brasil da
Fraternidade Teológica Latino-Americana

Diretor

Valdir Raul Steuernagel

Coordenador Editorial

Wilson Costa dos Santos

Conselho Editorial

Carlos T. Siepierski

Jair Álvares Pintor

Joyce Elizabeth Every-Clayton

Paulo Donizete Siepierski

Ricardo Barbosa de Sousa

Roberto Pich

Rubem Martins Amorese

Silas Borges Monteiro

Boletim Teológico é uma publicação da Fraternidade Teológica Latino-Americana, Seção Brasil (FTL-B). É um boletim de reflexão e análise teológicas, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a divulgação do Evangelho. Os artigos publicados são de responsabilidade dos respectivos autores e não refletem necessariamente a opinião dos editores. A reimpressão total ou parcial dos artigos inéditos aqui publicados está autorizada, desde que mencionada a fonte. Pede-se a gentileza de enviar dois exemplares à redação.

ÍNDICE

De Gestantes e Parteiras Meditações sobre Êxodo 1.15-22 <i>Júlio Paulo Tavares Zabatiero</i>	7
Os Sinais do Reino de Deus na História <i>Flávio Braga Faccio</i>	13
O Papel da Mulher: Uma Perspectiva Histórica da Ótica Cristã <i>Marlon Ronald Fluck</i>	43
Declaração de Huampani <i>Documento da FTL</i>	58

Carta ao Leitor

Wilson Costa dos Santos

Cada vez mais o espaço que a mulher vem assumindo na sociedade é notado. E na igreja? Nas organizações eclesíásticas? Nas chamadas para-eclesíásticas? Aí é outra história! Mas o assunto, cada vez mais, desperta interesse de debatedores antes alheios ao assunto. Novas e boas contribuições ainda são bem-vindas.

Em 1991, o Setor Brasil da Fraternidade Teológica (FTL-B) desenvolveu uma reflexão ampla e séria sobre o assunto. O tema foi: **O Relacionamento Masculino-Feminino**. Dois números deste Boletim - o 16 e o 17 - foram quase que exclusivamente dedicados ao tema. Mas a reflexão foi apenas iniciada. Este número é uma mostra que podemos seguir adiante. O artigo do companheiro Marlon Fluck, atualmente fazendo uma pós graduação na Alemanha, procura fazer um resgate histórico e a partir da ótica cristã do papel da mulher. Já o colega Júlio Zabatiero, professor no Seminário Teológico de Londrina, faz uma contribuição bíblica. Procura mostrar que, mesmo na sociedade patriarcal dos dias do Antigo Testamento, as mulheres tinham um lugar especial nos planos libertadores de Deus.

Descobrimos mesmo é que homens e mulheres são parceiros na construção do Reino e da sociedade. Por isso cabe perguntar pelos sinais do Reino: Quais são? Onde estão? O artigo de um recém chegado companheiro, Flávio Braga Faccio, traz uma ótima contribuição ao lidar com o tema dos **sinais do Reino de Deus na história**.

Por fim, para não perdermos de vista nem a história e nem os desafios que temos pela frente em termos de reflexão teológica neste Continente, publicamos o **documento de Huampani**. Por si só ele fala de sua origem e a que veio.

Boa Leitura!

CAMINHOS E RUMOS
DA
IGREJA EVANGÉLICA
BRASILEIRA

Fórum de
Encontro e Reflexão
Fraternidade Teológica Latino-Americana
SEÇÃO BRASIL

Você está convidado para encontrar-se
com irmãos e irmãs de todo o Brasil
para refletir sobre os rumos e caminhos da Igreja Evangé-
lica brasileira, no Fórum que estamos promovendo.
(Este Fórum substitui a Consulta Anual
anunciada anteriormente)

De 14 a 17 de outubro de 1993
Em Campinas, SP

Maiores Informações:
Secretaria Executiva da FTL-B
At. Wilson Costa dos Santos
Rua Ferreira Penteado, 1338/Ap.32
13010-907 - Campinas - SP

De Gestantes e Parteiras

Meditações sobre Êxodo 1:15-22)

Júlio Paulo Tavares Zabatiero

De gestantes e parteiras não se costuma falar nos discursos teológicos tradicionais. Não são assuntos relevante para as discussões científicas. Para a erudição eclesiástica preocupada com questões assaz importantes. Daí atreva-me a escrever sobre tão banal assunto, eis que “não sou teólogo, nem filho de teólogo”. Esta história de gestantes e parteiras ficou gravada num antigo livro. Registro da memória de mulheres escravizadas, história contada de mãe para filha desde tempos antigos.

Tudo aconteceu há muito tempo, antes dos grandes encontros de missão e teologia; antes das grandes caravanas do *Far West*; antes das cruzadas contra os infiéis; antes dos Concílios Universais; antes das missões... Fatos que sucederam no distante Oriente - distante no tempo e no espaço, na organização social e na teologia.

Um grupo de hebreus, migrando, instalara-se no Egito em busca de água e um pedaço de terra para sobreviver, enquanto não pudessem voltar aos seus territórios preferidos. Lá no Egito, conta a memória dos hebreus, cresceram. De forasteiros bem-vindos transformaram-se em perigosa ameaça, “em caso de guerra, eles poderiam se unir com nossos inimigos, lutariam contra nós e sairiam do país” (Êx 1:10). Lá no Egito, encontram-se com um fiel representante de principados e potestades - aqueles das regiões celestes - à beira dos cursos d’água. Príncipe este pre-ocupado com edificações; armazéns, celeiros, palácios, templos, fortalezas. Construções que edificam a glória dos poderosos, dos empreendedores, cuja livre iniciativa enaltece, sobre-humanos mortais, que não aprenderam a enxergar o seu fim, comum a todos.

Interesses se chocam, o acúmulo de riquezas é ameaçado, o poder “eterno” sente-se confrontado por um bando assustador de hebreus, cujo número se apresenta ao soberano príncipe como multidão de miríades e miríades. Primeiro, tentou sufocar

os hebreus no trabalho (Êx.1:8-14). Não conseguiu seu intento. Gente teimosa aqueles hebreus. Quanto mais trabalhavam, quanto mais apanhavam, tanto mais eles cresciam e se multiplicavam. ("Crescer e multiplicar", memória da bênção divina, lembrança das palavras do Criador de machos e fêmeas, homens e mulheres, Gn 1:26-30). Nas regiões "celestiais" decidia-se um conflito entre poderosos. Nas regiões terrestres aumentavam a ira do príncipe amuado, incapaz de ganhar a partida contra adversários tão inferiores.

Factores não foram capazes de conter a bênção divina entre os hebreus. Nem os muitos trabalhos forçados, jugo impotente para prender a vida. Chamam-se então as parteiras das gestantes israelitas. Sifrá e Puá (preserva o texto o nome das parteiras antigas, memória do povo simples cujos "heróis" não voam nem escalam paredes, mascarados e apelidados...).

O príncipe (principado), investido de poder (potestade) ordena: "quando vocês forem ajudar as gestantes israelitas nos seus partos, façam o seguinte: se nascer um menino, matem; mas se nascer uma menina, deixem que viva" (Ex 1:16).

Derrotado nas esferas celestiais, o impotente soberano não se acanha. Ordena, com brutal naturalidade, o assassinato dos meninos recém-nascidos. Menores perigosos, esses meninos: se crescerem poderão dizer não ao príncipe, tomar em armas, sair... Quem então trabalhará para construir os monumentos à riqueza e ao poder? Matem os meninos! As meninas? Essas poderão viver, afinal, são apenas mulheres. Que poderiam fazer contra o império? Quem sabe, quando crescerem, se bonitas, virão completar o harém. Principado derrotado, potestade ameaçada. Tudo é lícito para se perpetuar no poder. Qual é o valor de uns poucos moleques, diante da magnificante glória do filho dos deuses? Vivendo, essas crianças destruirão o que de mais maravilhoso existe sobre a face da terra - faraó e seus blocos de pedra.

Não as meninas, estas, coitadas, se escapam ao harém tornar-se-ão gestantes. Quem sabe até parteiras, partindo para obedecer as ordens do principesco faraó-menino. Sifrá e Puá, frágeis mulheres, encarregadas de fazer o que factores e maus-tratos se mostraram incapazes de realizar. Inúteis homens, chicotes e construções; é tempo de chamar as parteiras, frágeis representantes do frágil sexo, a fim de concretizar o desejo do forte

príncipe, cortando pela raiz o mal. Hábil macho poderoso. Afinal de contas, que há de mais frágil que a mulher gestante, sexo frágil enfraquecido pelo incômodo da vida em gestação? De gestantes e parteiras! Assunto irrelevante para teólogos importantes das Igrejas estabelecidas. Matéria de vida ou morte para o príncipe apavorado ante a mera possibilidade de perder os hebreus.

As parteiras temem. Quem não temeria o autor de ordem tão desumana e cruel? Todavia, não temem a Faraó! Temem a Deus! Desobedecem ao todo-poderoso rei do Egito. Movidas por um temor maior. Temor essencialmente diferente. Temor a Deus. Parteiras não são candidatas naturais à produção de teologia. Entendem de contrações, cordões umbilicais, placentas. É o que se costuma pensar. A memória inspirada, porém, enxerga as parteiras desde outro ponto de vista. São elas, mulheres parteiras, especialistas em vida. Vida, essência da teologia, razão de ser da própria teologia, para que não seja mera tautologia. Temem a Deus e por isso desobedecem a Faraó. Temem a Deus, portanto defendem a vida. Valor maior, mais valioso que os sonhos de poder do soberano egípcio. Supera as ambições e temores do rei. Anula o medo das mulheres escravizadas.

Temem a Deus, Javé, Deus da vida - àquele, cuja bênção produz uma terra cheia de gente, cheia de vida, cheia de humanidade. Temem a Deus. Diz o nosso texto, “ao contrário, deixaram que os meninos vivessem” (1:17b). “Ao contrário” do projeto de morte do império egípcio, as parteiras seguem o projeto de vida do Deus dos hebreus. Seguem o projeto de vida arriscando suas próprias vidas. Como contar ao faraó que sua ordem não foi obedecida? Projeto de vida, que subverte a ética do dominador. As parteiras mentem ao rei, descaradamente, desavergonhadamente. Pecaminosamente? Mentem ao rei e recebem a bênção de Javé: “Ele foi bom para elas e fez que tivessem as suas próprias famílias” (1:20-21).

De parteiras e gestantes! Estória de parteiras gestantes. Estranho sexo frágil. As mulheres hebréias, diziam, eram mais fortes que as egípcias. Subnutridas, exploradas, utilizadas como mão-de-obra barata. Mais fortes que as bem nutridas mulheres egípcias. Mentira das Parteiras!? Mulheres hebréias, gestantes frágeis na dor, fortes na astúcia, na defesa da vida de seus filhos ameaçados pelo império. Quantas formas de burlar a ordem do

rei? Quantos truques, esconderijos, cestos de junco foram necessários para preservar a vida infante? Parteiras e gestantes, unidas na práxis teológica. Defender a vida, proteger a bênção de Javé do anti-deus enfurecido.

Mentiras, truques, cambalachos. Seu resultado foi a bênção de Javé. Para as parteiras, a gestação própria da vida bendita. Para os hebreus, o aumento dos braços e pernas para a luta, para a fuga do império, para a construção de uma nova sociedade. De parteiras e gestantes se alimentou o projeto de Javé. Deus poderoso. Este sim é Deus. Poder que gera vida, não se submete aos códigos morais.

Subvertem-se em nome da justiça. Deus poderoso, a quem se deve temer. Temor e tremor diante de solene responsabilidade de gerar vida, e vida justa, solidária, bendita. Temor-amor! Temor que ensina a dizer não, para que o sim da bênção divina se concretize na história. Javé-Deus, tão distante de faraós e príncipes, tão oposto a principados e potestades. Nas regiões celestes os "deuses" degladiam. Nas esferas terrestres a bênção de Javé, gestada no ventre das hebréias, protegidas por mãos de parteiras, produz história. Produz História!

De gestantes e parteiras. Venceram ao império, enganaram o filho dos deuses. Deixaram-no atônito, embasbacado a ponto de multiplicar sua crueldade. A opressão contra as hebréias não funcionara. Ataca com arma mais sutil. Convoca seus súditos para o extermínio dos diferentes. Estimula o racismo, ainda machista. Conclama o povo ao assassinato em nome da pureza. Ancestral de sacerdotes judeus vendidos, de fariseus, de arianos, de exportadores e importadores de africanos negros... Gestantes e parteiras frustraram os planos do faraó, principado sem potestade. Encurrulado, só lhe resta apelar para as emoções nacionalistas de seus súditos. Perpetuar o poder mediante a popularização da morte. Tornar súditos em cúmplices. Mal-dita ideologia!

De gestantes e parteiras a história de Javé se embeleza. Na memória subversiva dos hebreus um relato, curto e singelo de mulheres. Gestante, parteira, menina. Até empregadas egípcias e a filha de Faraó são seduzidas pela teologia das hebréias. Sem saber o que fazem, cuidam do menino entregue às mãos de Javé nas correntezas do rio do Egito. A história escrita por homens preservou muito mais as memórias de Moisés, mas não

apagou os atos de gestantes e parteiras em defesa da vida. Tementes a Deus, propagaram a bênção divina - nelas foram benditas as famílias da terra. De gestantes e parteiras, mães e irmãs, até Jesus. O filho de Deus, gerado em ventre materno. Concepção virginal, sem mácula do macho; justiça feita às gestantes e parteiras. Temeram a Deus, desobedeceram e mentiram ao faraó; tornaram louca a sabedoria de seu século, transformaram em nada a onipotência do império.

De gestantes e parteiras deveria se nutrir a teologia!

OS SINAIS DO REINO DE DEUS NA HISTÓRIA

Flávio Braga Faccio

Introdução

Ao olharmos para a tristeza, a violência, as guerras, a opressão, a miséria e o sofrimento presentes na realidade do mundo em que vivemos, ficamos a nos perguntar por Deus e pelo sentido dos acontecimentos.

Creemos que Deus é o Senhor da história, que o destino do mundo está em suas mãos e que a Ele pertence a vitória final. Entretanto os poderes do reino das trevas permanecem atuantes no âmbito da vida humana.

Se Deus não abandonou o mundo à sua própria sorte, antes continua agindo a favor da humanidade, seria possível identificar, em meio à ambigüidade dos acontecimentos históricos, a ação de Deus? E nossa postura qual deve ser? Devemos ficar apenas esperando, assistindo impassíveis ao que Deus faz?

Iniciamos esta reflexão analisando a relação entre o Reino de Deus e o tempo, discutindo como a compreensão escatológica do Reino de Deus pode determinar a ética do cristão. Ainda nesta primeira parte, falamos sobre o significado do símbolo Reino de Deus.

O trecho seguinte começa explicando o significado da expressão *sinais do Reino*. Prosegue num diálogo com três importantes teólogos protestantes latino-americanos - Samuel Silva Gotay, Mortimer Arias e José Míguez Bonino - onde procuramos expor o pensamento de cada autor sobre o Reino de Deus. Finalmente, indicamos acontecimentos históricos que podem ser interpretados como sinais do Reino de Deus na História.

A última parte do trabalho tem o objetivo de definir critérios que nos possibilitem discernir quais acontecimentos históricos são sinais do Reino de Deus. Num primeiro momento, fazemos um estudo de caso quando abordamos e interpretamos

os principais fatos ocorridos na Nicarágua durante a Revolução Sandinista. Destacamos, nesta abordagem, o compromisso e engajamento dos cristãos daquele país, que ingressaram na revolução que pretendia derrubar a ditadura. Num segundo momento damos algumas pistas de como estabelecer critérios para discernir os sinais do Reino de Deus entre os *atos históricos*. Para tanto, fazemos um breve estudo sobre a justiça, a título de exemplo, como um (entre muitos) dos sinais do Reino.

Não é nosso objetivo, nesta reflexão, particularizar o Reino de Deus como realidade tão somente histórica, uma vez que o Reino transcende essa dimensão, mas limitar a discussão, confinando-a ao âmbito da história.

I. O REINO DE DEUS E SEUS SINAIS

Uma questão que sempre levantou discussões entre os estudiosos é a que trata sobre o significado do Reino de Deus. Não menos importante tem sido a discussão sobre a relação entre o Reino de Deus e o tempo. Uma das questões levantadas por esta discussão é *qual teria sido o ensino de Jesus a respeito dessa relação*.

No decorrer da história da pesquisa, muitos têm visto o Reino como realidade exclusivamente futura e supra-terrena.¹ O primeiro a enveredar por este caminho foi Johannes Weiss, com sua “**escatologia consistente**”, seguido por Albert Schweitzer. Segundo eles, o ministério de Jesus está voltado para o anúncio do fim deste mundo - a vinda iminente do Reino - que se daria numa catástrofe cósmica.² Desiludido com essa escatologia apocalíptica de Jesus, Schweitzer, aposta sua vida na crença em um Reino que só virá se construído por mãos humanas.³

Uma visão oposta a essa é a de Charles Harold Dodd, que, em sua “**Escatologia Realizada**”, afirma que toda a esperança profética do Antigo Testamento se cumpre plenamente em Jesus.⁴ Os ensinamentos de Jesus sobre Reino futuro seriam apenas ditos simbólicos que expressam o caráter escatológico do presente.⁵

11. Goppelt, p.87

22. Ladd, p. 56; Goppelt, p.87; Zabastiero, **O Emprego de Basileia no Novo Testamento**, p.145

33. Brakemeier, p.9.

44. Ladd, p.56; Goppelt, p.89; Zabaticero, o.c., p. 143-144.

Joachim Jeremias, em discussão com Dodd, propõe uma “**escatologia inaugurada**” ou “**em processo de realização**”.⁶ Para ele a consumação final iniciou-se no ministério de Jesus e ainda não se completou.

Rudolf Bultmann, embora concordasse que a pregação de Jesus consistia do anúncio da vinda iminente do Reino, acreditava que o Reino deveria ser entendido existencialmente. A proximidade de Deus impõe uma decisão ao ser humano.⁷

Quem primeiro lançou luz sobre essa discussão foi Werner Georg Kümmel, provando que Jesus falou, ao mesmo tempo, de uma vinda presente e futura do Reino de Deus.⁸

“G. Gloege, foi o pioneiro, neste século, a falar do Reino como presente na pessoa e obra de Jesus, mas ainda aguardando sua plena manifestação futura. A partir daí foi crescendo um consenso entre os teólogos do Novo Testamento quanto ao duplo aspecto da relação entre o Reino de Deus e o tempo/história.”⁹ Mas foi Oscar Cullmann quem definiu a famosa tese do “**já e ainda não**”¹⁰ Até mesmo Dodd, em suas obras posteriores chega a admitir que o Reino também aguarda a consumação “**além da história**.”¹¹

George Eldon Ladd afirma que:

“O Reino de Deus é a realeza redentora de Deus, dinamicamente ativa para estabelecer Seu domínio entre os homens, e que esse Reino, que irá aparecer como um ato apocalíptico no final desta era, já veio à história humana na pessoa e missão de Jesus, para vencer o mal, libertar os homens do seu poder, e trazer-lhes as bênçãos do reinado de Deus. O Reino de Deus envolve dois grandes momentos: *cumprimento* dentro da história, e *consumação* no fim da história.”¹²

Entretanto, convém ressaltar, qualquer das posições assumidas (seja uma das acima apresentadas ou derivação delas) implica uma ética correspondente. A maneira como eu compreendo o Reino de Deus e como ele se manifesta determina minha

55. Ladd, p.56; Goppelt, p.89.

66. Ladd, p.57; Goppelt, p.89; Zabatiero, o.c., p.144.

77. Ladd, p.56; Goppelt, p.88; Zabatiero, o.c., p.144.

88. Goppelt, p.89.

99. Zabatiero, o.c., p.145.

1010. Sobrino, p.84.

1111. Ladd, p.56-57; Zabatiero, o.c., p.144.

1212. Zabatiero (citando Ladd), op. cit., p. 140.

maneira de viver e agir. Se há várias escatologias, há uma ética para cada possibilidade.

Crer no Reino de Deus como realidade apenas e tão somente **presente** tem suas implicações. A primeira delas é o fim da esperança. Se o reino já veio não é preciso esperá-lo mais. Nada mais há que ser feito. Deus já manifestou o seu Reino, já fez tudo o que era preciso fazer. Surge então uma dificuldade: Como explicar a esperança fervorosa do cristianismo primitivo?¹³

Essa “desescatologização”¹⁴ levanta uma outra pergunta: como conciliar um mundo onde impera o sofrimento, a violência, o pecado e a morte com a presença do Reino de Deus? Só resta uma alternativa: confinar, como o fez o liberalismo, a plenitude do Reino ao interior do ser humano. O Reino passa a ser uma realidade transcendente, que se concretiza no íntimo da pessoa quando esta se une, pela fé, ao seu criador. Cabe ao indivíduo apenas o aceitar o Reino.

Esta concepção deve levar a uma total letargia diante dos acontecimentos históricos e a uma total desesperança quanto a uma possível transformação futura das estruturas humanas. A soberania de Deus somente poderia atuar no mundo através dos cristãos, isto é, daqueles que aceitaram o Reino no íntimo de suas almas. Somente estes poderiam *praticar o amor ou opor-se ao mal*.¹⁵ Ainda assim, este modo de pensar dificilmente levaria a um engajamento numa luta histórica por justiça. Isso porque o *praticar o amor e o opor-se ao mal* não se mostram essenciais a não ser no âmbito religioso, pelo próprio caráter intimista, de experiência religiosa pessoal¹⁶, com o qual o Reino se apresenta.

Dizer que o Reino de Deus é exclusivamente **futuro** é negar sua presença atual e indagar sobre sua irrupção. Abre-se aqui um leque de possibilidades. A primeira delas é a que envereda pelos caminhos de Kant, esperando a vinda do Reino de Deus através de um progresso imanente¹⁷, de uma evolução histórica. Um Reino que vem por si só, naturalmente, não precisa

13 13. Brakemeier, p.19.

14 14. Brakemeier, p.13.

15 15. Goppelt, p.89.

16 16. Ladd, p.56.

17 17. Goppelt, p.87.

de Deus. E o ser humano nada tem a fazer senão esperar esse cumprimento natural. Não tem sentido falar em Reino de Deus nem em Deus nesses termos.

Outra possibilidade que se abre é a de uma concepção puramente escatológica onde o Reino vem como obra **totalmente divina**. Pouca diferença há, na prática, se o Reino se plenifica ainda nesta história ou se virá trans-historicamente. O resultado é um só: se tudo depende de Deus, nada há a fazer a não ser esperar. “A esperança num Reino de Deus transcendente pode exercer função alienante, conformar as pessoas com a sua sorte, em vez de encorajá-las a eliminar, elas próprias, as causas de seu sofrimento.”¹⁸ A outra face desta mesma moeda é a crença num futuro de “cartas marcadas”: o destino do mundo está decretado e nada poderá alterá-lo. Se por um lado a ênfase num futuro transcendente pode levar à resignação e à alienação, por outro a ênfase na ação divina pode conduzir a uma indiferença em relação aos males do mundo e a uma perda de responsabilidade histórica.¹⁹

Posição divergente desta é a que concebe a vinda do Reino historicamente através da **ação humana**. Se tudo depende da luta humana, não há esperança mas *utopia*, que conduz a um programa de ação.²⁰ Deus é visto como um simples observador, não age na história. A transcendentalidade do Reino é minimizada, se não eliminada. Entretanto, a eliminação da transcendência não garante o nascimento de uma paixão revolucionária. Há o perigo de cair-se no “hedonismo do tipo *comamos e bebamos, que amanhã morreremos* (Is 22:13; I Co 15:32).²¹ outra ressalva a esta posição consiste em que a tentativa de implantar o Reino na história através das mãos humanas se constitui numa perigosa ideologia, capaz de justificar regimes opressores em nome de Deus.

A posição que prevalece nos dias atuais é a que afirma uma “simultaniedade de presença e futuridade do Reino de Deus numa *tensão dialética*.”²²

18 18. Brakemeier, p.20.

19 19. Brakemeier, p.9,20.

20 20. Brakemeier, p.12.

21. Brakemeier, p.21-22.

22. Brakemeier, p.14; Golppelt, p. 89ss; Sobrino, p.58.

É fato que Jesus falou tanto de uma presença quanto de uma vinda futura do Reino de Deus. Pregou que o domínio de Deus viria como juízo (Lc 10:12; Mt 10:15, 25:41ss) e como salvação (Lc 13:28-29, Mc 14:25). Anunciou tanto sua proximidade (Lc 10:9-11; Mc 1:14-15) como sua presença (Lc 7:18-23, 11:20). Diante de sua manifestação iminente exortou à espera alerta (Mc 13:32-37) e repudiou qualquer tentativa para calcular o momento de sua vinda (Lc 17:20-21; Mc 13:32), como queriam os apocalípticos da época.

Crer que o Reino é, a um só tempo, presente e futuro significa, por um lado compreender que em Jesus e no Seu ministério o Reino entrou para a história e ainda hoje se manifesta no mundo e, por outro, que o mesmo Reino aguarda, na história ou além dela, uma consumação onde alcançará a plenitude.

Discutir se as manifestações do Reino ou sua consumação são obra humana ou divina nos leva a resultados semelhantes aos das discussões anteriores, caindo nos binômios *alienação-engajamento* ou *imanência-transcendência*. A novidade que esta posição oferece é a possibilidade de uma **cooperação humano-divina** na implantação do Reino. A ênfase pode recair sobre um lado ou outro mas a cooperação permanece.

A participação de Deus mantém a esperança, a colaboração do ser humano diminui a probabilidade de alienação. O Reino permanece obra de Deus, Reino de Deus e não de homens. É um acontecimento presente que avança por mediações humanas. Virá por intervenção divina, mas somente se o homem fizer a sua parte. “De um lado é o homem que ajuda a Deus na construção de uma sociedade justa, de outro é Deus quem apóia o homem nesta tarefa.”²³

Entretanto, **presente** e **futuro** são características formais do Reino. O que importa é **o que é o Reino**.

Desde cedo Israel atribuiu ao seu Deus o título de Rei²⁴ indicando o poder e o domínio de Javé sobre toda a terra. “A realeza de Javé, pois, pois sobre os exércitos celestiais, sobre Israel, os povos e sobre todos os deuses (Is 6:5; Jr 10:7, 46:18; Sl 47:9, 89:19, 95:3; etc.) é confessada como realidade atemporal, em todos os casos presentes.”²⁵ A palavra hebraica MALKUT (grego

23. Brakemeier (interpretando Jorge Pixley), p.12

24. Brakeimeier, p.24.

basileia) “quase sempre quer dizer o poder de reinar, a autoridade, ou poder de um rei.”²⁶ Reino de Deus significa o domínio ou a soberania real de Deus em ação no mundo.²⁷

O Reino de Deus deve ser entendido sob a perspectiva da doutrina da providência: “Deus atua continuamente nos acontecimentos históricos, bem como nos eventos da natureza.”²⁸ O Reino é Deus exercendo sua soberania através da criação e na criação.

Podemos concluir, portanto, que o Reino é o símbolo por meio do qual descreveremos a ação de Deus. O Reino é o símbolo pelo qual Deus atua hoje e atuará no futuro.

Falar em Reino de Deus é afirmar que Deus reina, governa a criação e a história. “O Deus Criador continua agindo no mundo criado ‘observando-o com paternal solicitude e governando-o segundo os seus planos’.”²⁹

A questão é : o que acontece quando Deus reina?

II. OS SINAIS DO REINO EM PERSPECTIVA TEOLÓGICA

Perguntar pelo que acontece quando Deus reina é perguntar pelos *sinais* do Reino de Deus.

Mas o que é um sinal do Reino?

Um sinal é algo que aponta para uma determinada realidade sem, no entanto, ser esta realidade. É uma manifestação perceptível e *relativa* de uma realidade *absoluta*. Um sinal do Reino é algo que aponta para o Reino, mas ele mesmo não é o Reino.

Os sinais do Reino são as manifestações das ações divinas na história. Não há entretanto, unanimidade entre os estudiosos na descrição de como a soberania real de Deus se manifesta no presente ou como chegará a uma consumação futura.³⁰

25. Brakemeier, p.24; cf Goppelt, p.82-83; v. Rad, **Rei e Reino no VT**, in **A Igreja no NT**, p.77-78.

26. J. Jeremias, p.153.

27. Arias, p.63; Goppelt, p.81-82,95; Ladd, p.58,60-61; ver. Rad, o.c., p.77-78. J. Jeremias, p.54,151,153-159.

28. Rubio, p.190.

29. Rubio (citando J. Behm), p.180.

30. Brakemeier, p.18-19.

Para enriquecer nossa reflexão, tomemos o exemplo de três teólogos protestantes latino-americanos, e vejamos como articulam seu pensamento sobre o Reino de Deus.

1. Samuel Silva Gotay

Gotay fundamenta seu pensamento sobre o Reino de Deus na nova concepção teológica da história da América Latina, que afirma a existência de *uma única história*. Esta história real “é a única esfera da realidade, onde o Reino de Deus terá que se estabelecer, como resultado de um processo histórico libertador.”³¹

Para ele a salvação no pensamento bíblico, se apresenta apenas como processo histórico de libertação, que inclui a libertação sócio-econômica, cultural e do pecado.³² É bem verdade que a Bíblia nos fala de salvação histórica. Este ensino precisa ser resgatado por muitos grupos cristãos atuais, entretanto é necessário afirmar que o ensino bíblico vai além disso. A salvação bíblica, sobretudo no NT, apresenta um elemento transcendente expresso, por exemplo, no capítulo oitavo da Carta de Paulo ao Romanos. Gotay se esquece disso. Sua definição é uma redução. Além disso, utiliza o termo *salvação* em ocasiões em que ficaria melhor utilizar *Reino de Deus*. Ao mesmo tempo que reduz salvação à libertação histórica, utiliza a palavra de forma muito ampla: salvação é toda e qualquer obra salvífica.

Essa *historicização* da salvação se inter-relaciona com sua concepção de pecado.³³ Negando a concepção metafísica e essencialista de pecado, a exemplo de vários outros teólogos da libertação, assume o pecado como estritamente social e histórico. Supera a idéia de *pecado original*, de *natureza pecaminosa*, de *pecado interior*, para falar do pecado como injustiça social.

De fato, é importante perceber que o pecado não consiste apenas de atos pessoais e individuais, que está arraigado nas estruturas sócio-econômicas, políticas e culturais. Mas é preciso entender também que a relação indivíduo-sociedade é uma relação de influência recíproca.

Gotay também não atenta para o fato de que o pecado estruturado não nega sua dimensão transcendente. Ninguém peca

31. Gotay, p.88.

32. Gotay, p.88-91.

33. Gotay, p.91-96.

fora da história. O pecado individual ou estrutural, acontece *na história*, entretanto tem repercussões *meta-históricas*. O elemento transcendente do pecado se revela no que se refere à responsabilidade. Todo pecado, mesmo praticado contra o próximo, a natureza ou a sociedade, é antes pecado contra Deus. Nossa responsabilidade é sempre Deus. Gotay *destranscendentaliza* demais os temas que aborda.

E com o Reino de Deus não é diferente. A *historicização* que faz da salvação e do pecado passam para sua compreensão do Reino de Deus (ou será o contrário?). Assim, trata do Reino como *processo histórico*, como *projeto histórico* de Deus.³⁴ Conclui, com Gustavo Gutiérrez, que o crescimento do Reino se dá através da luta pela eliminação das manifestações históricas e sociais do pecado.³⁵

A tônica sobre a participação humana nesse *Reino-processo* é forte em Gotay. Tão forte que o papel de Deus fica relegado a um plano inferior. Ele fala em *crescimento, esta belecimento, construção do Reino*, onde é essencial a ação humana. “A recuperação do sentido histórico do Reino de Deus resgata o caráter necessário da ação humana na construção desse Reino.”³⁶

Essa ênfase no Reino presente, que vai sendo construído pelas lutas humanas, nos leva a perguntar por sua consumação. Como se dará a plenitude desse Reino? A resposta não é nenhuma surpresa. A concepção historicizada do Reino presente, desenvolvida por Gotay, atinge sua escatologia, Ele fala de uma *escatologia histórica*. A consumação do Reino virá num futuro histórico, nesta história. A “plenitude” escatológica (do Reino) se mantém como *utopia-guia*“, isto é, “não é identificável com nenhuma das etapas de desenvolvimento do processo histórico.”³⁷

Uma das dificuldades que surge no entendimento do pensamento de Gotay é que ele utiliza a linguagem bíblica e a marxista numa via de duas mãos. Interpreta a Bíblia, sem clareza em alguns pontos. *O homem novo*, que será gerado pelas mudanças sociais, que não oprime e que se solidariza com o próximo, parece ser associado ao novo homem, criado em Cristo, da con-

34. Gotay, p.106-107, 132-133 etc.

35. Gotay, p.91.

36. Gotay, p. 107.

37. Gotay, p.107.

cepção bíblica.³⁸ Reino de Deus é identificado com *utopia*, o que resulta numa escatologia utópica, ou numa utopia com caráter escatológico. Dessa forma, quando tenta integrar as dimensões histórica e escatológica do Reino, fala de uma utopia em sentido histórico, que se apresenta como um *horizonte utópico*, permanente, em contínuo movimento.³⁹ Assim, “toda realização histórica do Reino será uma realização parcial...”⁴⁰

Gotay parece identificar as transformações sociais com o Reino de Deus, contudo não distingue entre tipos de transformação social. Afirma, com Guillermo Hirata, que a finalidade do Reino é mudar as condições vigentes na sociedade, o que significa “libertação dos oprimidos da mão daqueles que mantêm a estrutura opressora, injusta e desumanizante, tanto em nível sócio-econômico e político como em nível cultural.”⁴¹ Tal afirmação é parcialmente verdadeira, uma vez que as condições vigentes na sociedade não se resumem apenas nas relações de opressão. Nem o Reino tampouco se esgota na sociedade. Não se pode, no entanto, negar que Deus possa agir produzindo transformações sociais. Tênué também é a distinção que faz entre sinais de *presença* do Reino e sinais de sua *vinda*.

Os sinais do Reino, para Gotay, são especialmente a luta e a ação política do ser humano que resultam em transformação social. Essa transformação social não consiste de mera inversão de posições. Inclui revolução de valores, ou seja, o Reino vem para restituir a justiça aos oprimidos e explorados.⁴²

2. Mortimer Arias

Arias entende que o principal sinal do Reino de Deus é Jesus mesmo. Em Jesus, Deus vem participar da vida humana, vem trazer uma mensagem de amor incondicional ao ser humano, manifestado em seu ensino e em sua atitude de entrega total por nós. Nesse sentido o Reino é uma dádiva que não pode ser conquistada por qualquer esforço humano.

Arias acentua também o perdão dos pecados como sinal do Reino. O perdão anunciado por Jesus elimina a separação

38. Gotay, p.93, 98, 110, 149, 155.

39. Gotay, p.112, 115,118.

40. Gotay, p.102.

41. Gotay, p. 102.

42. Gotay, p.151.

entre o criador e a criatura; e a separação das pessoas entre si. “Aquele que foi perdoado, está habilitado para perdoar (Lc 7:36-50; I Jo 4:19; Cl 3:13).”⁴³ Em conexão com o perdão está a “*mesa aberta*”. O fato de Jesus comer com publicanos e pecadores o demonstra. A mesa pode ser símbolo de união e reconciliação ou segregação⁴⁴

A Igreja e os dons do Espírito são, da mesma forma, sinais da presença do Reino de Deus. A Igreja é a comunidade do Reino, que Jesus visualizava em suas parábolas. Em Pentecostes, o Reino se manifesta na história humana mais uma vez, com o derramamento do Espírito sobre a comunidade cristã nascente.

O ministério de Jesus assinala que o Reino é sinônimo de vida. “Todo o ministério de Jesus proclama a vida, celebra a vida, defende a vida, restaura a vida, promete a vida.”⁴⁵

O Reino de Deus se manifesta quando Jesus luta contra as forças opressoras da morte em defesa da vida humana.

Posicionar-se nessa luta, a favor do Reino da vida, implica numa decisão diante das tendências e forças históricas que se aliam contra ou a favor do Reino. Disso resulta que “o desafio do Reino (...) é um desafio ao compromisso histórico.”⁴⁶ Jesus possuía consciência da necessidade desse compromisso. Suas denúncias eram não só contra indivíduos mas contra todo um sistema de engano e opressão.⁴⁷ “Jesus não só denuncia a ‘hipocrisia’, as raízes religiosas e espirituais do sistema, mas suas conseqüências sociais.”⁴⁸

Arias mostra que Jesus, mesmo sem aceitar ser o messias político aguardado pelo povo, morreu por razões políticas, por forças políticas e da mesma maneira que os revolucionários e subversivos do Império.⁴⁹ Sua conclusão é que, por isso, o desafio do Reino é um desafio ao compromisso histórico, *inclusive político*. O Reino se manifesta através das ações políticas. Dessa forma, a opção pelo Reino equivale a uma opção a favor da vida

43. Arias, p.75.

44. Arias, p.75.

45. Arias, p.66.

46. Arias, p.128.

47. Arias, p.128.

48. Arias, p.128.

49. Arias, p.190.

humana, a favor do pobre, do marginalizado, do oprimido, daquele que sofre.⁵⁰

Mas a Igreja, com o passar do tempo foi perdendo essa compreensão da mensagem subversiva de Jesus sobre o Reino de Deus.

Arias sugere que a mensagem do Reino foi eclipsada na teologia da Igreja por dois motivos principais: a *tradução* e a *contextualização* do Evangelho do Reino para cada época e lugar e, por causa disso, sua redução a apenas uma de suas dimensões: “as partes foram tomadas pelo todo, e os diversos aspectos do Evangelho do Reino foram absolutizados à custa de sua totalidade.”⁵¹

A redução da **patrística**, que se tornaria a concepção dominante durante a Idade Média, persistindo até nossos dias, despojou a salvação de sua dimensão histórica, reduzindo-a à revelação da verdade, ao perdão dos pecados e à imortalidade e divinização da alma. Com a **institucionalização** da Igreja Católica-Romana, o Reino passa a ser identificado com a Igreja, o que é “um salto ilegítimo, uma afirmação antibíblica, uma redução lamentável.”⁵² A perspectiva **apocalíptica** de um Reino futuro, suprimida pela Igreja oficial, passou a ser cultivada à margem da instituição, resultando numa quantidade muito grande de movimentos de comunidades ascéticas e místicas, influenciando o surgimento do Adventismo, das Testemunhas de Jeová, da interpretação dispensacionista, que projeta o Reino totalmente ao futuro, e do (pré e pós) milenarismo, que possibilita dois enfoques sobre a relação entre Evangelho e sociedade: “os que crêem que se pode melhorar o mundo, preparar o milênio, e os que crêem que não se pode fazer nada, senão esperar a Segunda Vinda...”⁵³

Uma redução que se deu principalmente no meio evangélico, foi a **espiritualização** do Reino, confinando-o ao âmbito interior da vida cristã. A entrada no Reino é marcada pela conversão e experimentada com justificação, perdão dos pecados, comunhão íntima com Deus e santificação, como um novo estilo de vida, como busca de santidade no plano individual.

50. Arias, p.131.

51. Arias, p.37.

52. Arias, p.40.

53. Arias, p.47.

Segundo Arias, tudo isso é parte fundamental de nossa herança protestante:

“Frente ao absolutismo da igreja institucional até o século XVI, com uma ênfase nas obras exteriores do crente, foi que surgiu o movimento protestante com o descobrimento da fé com experiência íntima e pessoal libertadora. Frente à aridez do escolasticismo protestante do século XVII e o racionalismo frio do século XVIII, foi que surgiram os movimentos pietista na Alemanha e metodista na Inglaterra, afirmando a religião do coração. E do mesmo modo podemos nos referir aos movimentos evangélicos na América do Norte, nos séculos XVII e XIX, que baixaram a religião da cabeça para o coração...”⁵⁴

Tudo isso era necessário para recuperar a necessidade da conversão e da busca de um relacionamento pessoal com Deus, sem dúvida uma dimensão essencial do Reino. A crítica de Arias reside no fato de que passou-se do pessoal para o individualista. Não se pode falar nem do ser humano nem do Reino de Deus em termos individuais. A pessoa é um ser social e Reino é um conceito político, que implica em relações sociais.

Oposta à redução anterior, surgiu uma concepção que incorporou o *otimismo humanista* e o *evolucionismo progressista do liberalismo teológico e ideológico*, resultando no chamado **“evangelho social”**. Este movimento se caracterizou pela manifestação da possibilidade de o ser humano *“construir”* o Reino, definido em termos de um *“ideal social”*. A primeira objeção que Arias faz a esse sistema é que *“nenhuma ordem social pode ser identificada com o Reino de Deus, nenhum sistema de fabricação humana será o último e definitivo: sempre haverá a necessidade da reforma, da revolução, do aperfeiçoamento.”*⁵⁵ A segunda objeção é à expressão *“construir o Reino de Deus”* que, em sua opinião, nada tem a ver com a perspectiva bíblica.

Esta crítica é bastante oportuna. Não que não se possa falar em *“construir”* o Reino. Basta explicar o termo e redefiní-lo de modo a reconduzi-lo a uma perspectiva bíblica. Arias lembra muito bem que o Reino é *dádiva, herança e esperança*. Que, na Bíblia, os verbos usados em conexão ao Reino são *vir, receber, herdar, entrar, ver e buscar*.⁵⁶ E conclui corretamente que o Rei-

54. Arias, p.48.

55. Arias, p.50.

56. Arias, p.50-51.

no é tarefa humano-divina. Por isso, caso decidamos falar em “construir” o Reino, não o devemos fazer dentro da perspectiva liberal. Antes na perspectiva de Mateus 24:14: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.” Isso significa que, com nossas ações podemos nos tornar cooperadores com Deus, apressando a consumação do Reino.

Arias ainda aborda a questão dos movimentos **pentecostais e carismáticos**. “A experiência pessoal do Espírito, através de seus dons e frutos, é de fato uma experiência do Reino.”⁵⁷ Não se pode, no entanto, pensar que o Reino se esgota nisso.

“Na experiência carismática, o Reino já está presente.”⁵⁸ Mas não se pode esquecer a tensão entre presença e consumação. A ênfase dominante no meio carismático é a que se manifesta na alegria, na euforia espiritual, nos dons, nas curas, no entusiasmo, no espírito de celebração. Já se desfruta das primícias do Reino, a plenitude do Espírito. Mas este *Reino de euforia*, como o denomina Arias, é apenas uma *antecipação* do Reino que virá em plenitude. Não compreender este fato pode levar a um tipo de postura incompatível com o Reino de Deus: usar a experiência eufórica como sedativo ou meio de escape das duras realidades da vida, alienando-se dos próprios problemas e das lutas sociais e históricas do Reino.

É preciso recuperar nossa visão do Reino presente em sua **integridade e multidimensionalidade** e, assim, “assumir nosso compromisso frente ao desafio que o Reino nos faz aqui e agora.”⁵⁹

3. José Míguez Bonino

Uma das primeiras questões levantadas por Bonino é se há uma *relação de continuidade* entre o Reino e a história. Em outras palavras: as obras humanas, seu significado como ação histórica, têm algum valor em termos do Reino de Deus vindouro? Há significado escatológico na ação humana?

A teologia recente tem feito vários esforços na tentativa de superar o *dualismo histórico*. Moltmann e Metz, por exemplo, enfatizaram, como elemento crucial, o significado histórico

57. Arias, p.51.

58. Arias, p.51.

59. Arias, p.59.

da expectativa escatológica. Vários expoentes da teologia da libertação têm afirmado o valor escatológico da práxis histórica de libertação. O que se tem concluído é que “Deus edifica seu reino a partir e dentro da história humana em sua totalidade.”⁶⁰ Bonino afirma a ação divina como um constante chamado e desafio aos indivíduos, cuja resposta se dá sempre no campo da história.

Para Bonino há *relação de causalidade* entre a ação humana e o Reino de Deus. É esta relação que nos permite falar em sinais do Reino. Por exemplo: se eu prego o evangelho eu *causo* a vinda do Reino. Minha ação é sinal do Reino vindouro. Moltmann não permite este raciocínio. Ele estabelece uma *relação extrínseca* entre o Reino e a história. Expressa a relação entre a ação humana e o Reino usando termos como “*antecipação*”, “*esboço*”, “*analogia*”.⁶¹ De acordo com Juan Luis Segundo, a escolha desses termos “resulta de uma visível reticência para relacionar a ação destinada a transformar as estruturas sócio-políticas e a edificação do Reino.”⁶² Ou seja, Moltmann nega a importância que as ações históricas possam ter para o Reino. As mudanças de estrutura são meras *imagens* do Reino, não são o Reino, não devem ser confundidas com ele.

Bonino sublinha a necessidade de afirmar “tanto a continuidade como a descontinuidade entre a história e o Reino de Deus, assim como a continuidade/descontinuidade entre o corpo terreno/espiritual.”⁶³ Como para o corpo a ressurreição, o Reino de Deus “não é a negação da história, e sim a *eliminação de sua corruptibilidade*, suas frustrações, sua debilidade, sua ambigüidade - mais profundamente, de seu pecado - a fim de conduzir à sua plenitude o verdadeiro significado da vida comunitária do homem.”⁶⁴

Por isso não se pode admitir nem um Reino fora da história nem um Reino que venha a surgir como o “desenlace natural da história”. Por outro lado também não se pode falar de um Reino utópico, uma vez que o Reino “tem um lugar na história e no tempo escatológico de Deus.”⁶⁵

60. Bonino, p.108.

61. Bonino, p.109-110.

62. Bonino, p.109.

63. Bonino, p.111.

64. Bonino, p.111.

O Reino, que está presente e operante no mundo, se nos apresenta como um chamado, uma convocação que exige uma resposta. A questão é: como podemos participar na “construção” do Reino? Esta é uma pergunta por *mediações históricas*. Estamos falando da *tensão da dupla referência de nossa fé*. Essa tensão “não pode ser resolvida aquém da plena realização do Reino de Deus.”⁶⁶ Ela se desenvolve entre duas realidades distintas, uma *absoluta* e outra *relativa*. A liberdade, a justiça, o amor, conceitos absolutos do Reino de Deus necessitam de um “corpo” para que possam encarnar na história. Esse “corpo”, o elemento relativo da tensão, nada mais é que um conjunto de ações humanas, de estruturas, sistemas ou instituições que tentam expressar, de maneira concreta, aqueles conceitos absolutos. Por exemplo, a justiça do Reino precisa ser corporificada. Ela poderá sê-lo através de um regime político (que poderia ser, num país da América Latina, um tipo de socialismo que promovesse maior justiça social que o capitalismo vigente).

Essas *corporificações* foram denominadas por Moltmann de “*materializações da presença de Deus*”.⁶⁷ Se Deus está presente na realidade é preciso discernir as “*materializações*” de sua presença. Eu identifico isso com os sinais do Reino presente pois o Reino está onde Deus está.

Nossa participação na “construção” do Reino se dá através do engajamento em lutas que se manifestam como sinais de sua presença.

4. Definindo os sinais do Reino

Os sinais do Reino de Deus, como vimos, são as manifestações da ação divina no mundo. Embora Deus sempre tenha manifestado sua soberania providencial na história, ele o faz de maneira especial em Jesus. Em Jesus o reino irrompeu na vida humana de forma definitiva. Cumpriu-se o tempo determinado por Deus, inicia-se uma nova era, um tempo escatológico, que caminha para uma consumação final.

Lucas 4:16-21 mostra o ministério de Jesus como cumprimento das promessas do Antigo Testamento. A ação de Deus ali, por intermédio do seu ungido, é apresentada como restaura-

65. Bonino, p.117.

66. Bonino, p.112.

67. Bonino, p.116.

ção da justiça social, equivalente a que deveria acompanhar o Ano do Jubileu em Israel, e consiste em evangelização dos pobres, restauração da vista aos cegos e libertação dos cativos e oprimidos. Estes sinais se cumprem cabalmente.

As atitudes de Jesus constituem sinais do Reino, pois através delas Deus restaura e promove a vida das pessoas. “Em Jesus a utopia do Reino começa a se concretizar historicamente.”⁶⁸ Deus se faz presente na cura dos enfermos, na ressurreição dos mortos, no anúncio do Evangelho aos pobres (Lc 7:18-23).

O perdão dos pecados é sinal do Reino porque também implica em restauração de vida. O perdão reintegra o indivíduo à comunhão com Deus e com o próximo, e produz nele saúde psíquica, que se expressa pela eliminação da culpa. A Bíblia nos mostra o anúncio do perdão tanto no ministério de Jesus (Lc 5:20) como na vida da Igreja (At 2:38).

O *Magnificat* (Lc 1:46-55) revela que quando o Reino de Deus se manifesta acontece uma inversão de classes e valores.⁶⁹ Este cântico apresenta, como resultado da intervenção divina, poderosos que são destronados, humildes exaltados, famintos saciados e ricos despojados (Lc 1:52-53).

O Reino é o projeto histórico de Deus que pretende estabelecer uma sociedade perfeita, sem injustiças ou sofrimentos. No Reino haverá a supressão da miséria, da opressão e da exploração, todos possuirão casa, terra e trabalho; não haverá mortalidade infantil nem sofrimento na velhice (Is 65:20-22). Os governos serão justos (Is 11:1-5) e haverá justiça social: “julgará com justiça os pobres” (Is 11:4). Não haverá desequilíbrio ecológico, e haverá perfeita harmonia entre as pessoas e a natureza (Is 11:6-8; 65:25).⁷⁰

Qualquer antecipação desse trabalho é sinal do Reino. O Reino de Deus “começa pela modificação das estruturas reais mediante a ação política...”⁷¹ As transformações sociais e a eliminação do pecado nas estruturas e instituições nos assinalam a presença soberana de Deus entre nós.

68. Zabatiero, *Reino de Deus: paradigma da missão da Igreja*, p.20.

69. Gotay, p.150.

70. Cf. Zabatiero, *Reino de Deus: Paradigma...*, p.19

71. Gotay, p.109.

A derrubada contra as ditaduras, as lutas contra todos os tipos de preconceito, os movimentos ecológicos, o combate à mortalidade infantil e outros movimentos desse tipo são sinais do Reino de Deus na história.

A Igreja tem papel importante nesta tarefa. Na qualidade de comunidade escatológica, que a um só tempo vivencia a presença de Deus e aguarda a parusia, tem a missão de “viabilizar historicamente o projeto de Javé para a humanidade, projeto definitivamente inaugurado por Jesus Cristo.”⁷² Isso não significa que Deus atue somente através da Igreja, dos cristãos ou daqueles que são o seu povo (Ed 1:1-2; Is 44:28-45:1; Amós 9:7). Isso significa que Deus *não só*, mas *principalmente* por meio da Igreja, realizará sua vontade soberana sobre toda a terra.⁷³

Por este motivo a Igreja tem a obrigação e a responsabilidade de manifestar o Reino. Ela não apenas é sinal, primícia do Reino, como também tem a missão de ser sinal; através da unidade, solidariedade, diaconia, ação social, ação política e através da pregação do Evangelho.

III. DISCERNINDO OS SINAIS DO REINO DE DEUS

1. Nicarágua: um estudo de caso

A Nicarágua foi, por muitos anos, vítima do imperialismo dos Estados Unidos manifestado muitas vezes pela força. Entre 1912 e 1933 aconteceram uma série de intervenções e ocupações⁷⁴ que visavam impedir a diversificação dos investimentos estrangeiros e a nacionalização do capitalismo nicaraguense. Para combater essa situação surgiu um movimento guerrilheiro comandado por **Augusto César Sandino**, que desejava expulsar as forças norte-americanas, libertando seu país da ocupação. “Sandino tornou-se um herói popular, dentro e fora da Nicarágua...”⁷⁵

Os Estados Unidos, então, procederam a uma jogada política, talvez devido à simpatia que a guerrilha conquistava no res-

72. Zabatiero, Op. Cit., p.20.

73. Zabatiero: Op. Cit., p.20.

74. Freston, p.85.

75. Freston, p.88.

tante do mundo: abandonaram o país, mas não sem antes criar uma *Guarda Nacional* treinada pelos norte-americanos.

Com a saída dos Marines, Sandino dissolveu o seu exército. Como consequência foi traiçoeiramente assassinado pela Guarda Nacional em 1934. Em 1936, Anastácio Somoza García, o chefe da Guarda Nacional, depõe o Presidente da República e toma o poder. Somoza seria assassinado em 1956, mas seus filhos deram continuidade ao governo da “*dinastia Somoza*” até 1979.⁷⁶

Durante este período de ditadura a situação do país se agravava cada vez mais. Os Somoza acumularam uma fortuna imensa e colocavam o Estado a serviço desse acúmulo. A pobreza e a miséria caminhavam a passos largos. “Essa realidade social criava um potencial óbvio para uma revolta popular...”⁷⁷

Ao se aproximarem os anos 60, alguns universitários em contato com o partido comunista da Nicarágua, desiludidos com a descaracterização do partido, redescobriram a figura de Sandino, propondo uma fusão entre a *tradição de luta nacional* representada por ele e a *tradição revolucionária do marxismo*. Sob inspiração da revolução cubana, funda-se em julho de 1961, a **Frente Sandinista de Libertação Nacional**.⁷⁸

Após as primeiras derrotas na guerrilha, em 1970 a FSLN largou as armas e passou a trabalhar na formação de uma base política entre as massas.

Em 1974 voltou a agir militarmente, com sucesso, aumentando sua fama e prestígio tanto no exterior como no povo. Aos poucos o movimento vai ganhando adesão de vários segmentos da sociedade. No início da década de 70 a classe empresarial, sentindo-se ameaçada pela maneira como os Somoza conduziam o Estado, começou a vislumbrar a necessidade de mudanças. “Até 1975, a hierarquia da Igreja e boa parte da elite comercial e industrial já se opunham ao regime.”⁷⁹

À medida que havia oposição, o governo respondia com repressão, o que provocava mais adesões à guerrilha e até levantes populares espontâneos. Cada vez mais ficava claro a necessi-

76. Freston, p.85-90.

77. Freston, p.86.

78. Freston, p.88.

79. Freston, p.87.

dade, como única solução, de remover o governo pelas armas. A crise se agravou até julho de 1979, quando a FSLN, propondo uma *ampla aliança patriótica*, derruba a ditadura e assume o poder.⁸⁰

Diante deste rápido panorama da revolução nicaragüense fica uma questão: qual foi a atitude e a posição tomada pelos cristãos daquele país?

A revolução nicaragüense se destaca de outros processos revolucionários, como a revolução cubana, entre outras coisas pelo seu interrelacionamento com o cristianismo.⁸¹ “A revolução nicaragüense é a primeira, desde 1789, na qual os cristãos leigos e clero - jogaram um papel essencial tanto na base quanto na direção do movimento.”⁸²

Os cristãos não apenas aderiram ao movimento revolucionário, mas também, e principalmente, o influenciaram de forma marcante. A prática da FSLN foi permeada por uma série de ideais cristãos. “A revolução nicaragüense aboliu a pena de morte e se tornou o primeiro movimento revolucionário moderno, desde 1879, cuja vitória não conheceu as execuções, a guilhotina ou o fuzilamento: mesmos carrascos da Guarda Nacional não tiveram que suportar senão o aprisionamento, tendo em vista uma *reeducação*.”⁸³ Os cristãos, ao se tornarem sandinistas, ou seus aliados, o fizeram na condição de sal e luz (Mt 5:13-16), transformando a Frente em algo melhor que o movimento original.

Antes da revolução, os cristãos ou eram alienados dos problemas sociais e políticos ou eram coniventes com o somocismo. A hierarquia católica vivia bem com o regime: criticavam Fidel Castro, mas não Somoza. A atitude das igrejas protestantes era parecida. Estas não eram aliadas do governo, mas também não se opunham a ele: eram apolíticas.⁸⁴

Entretanto, com o passar do tempo esta postura foi mudando. Em primeiro lugar porque a severa repressão imposta pelo governo transformava as igrejas em locais de refúgio. As igrejas passaram a ser focos de resistência popular.⁸⁵

80. Freston, p.87.

81. Freston, p.144.

82. Lowy, p.65.

83. Lowy, p.76

84. Freston, p.119.

Algumas ordens religiosas procuraram estabelecer uma direção laica no campo, em regiões não atendidas regularmente por um padre, com o intuito de ministrar alguns sacramentos e outros serviços religiosos, alfabetizar a população e fornecer informações sanitárias e agrícolas. Estes leigos, chamados *Delegados da Palavra*, realizavam reuniões de estudo bíblico onde também eram discutidos alguns problemas da comunidade.⁸⁶ No final dos anos 60, "ligas camponesas organizadas pela igreja [católica], CEBs e grupos estudantis católicos forjaram os primeiros vínculos entre os cristãos e a FSLN."⁸⁷ No início da década de 70, o clero passou a assumir abertamente sua posição antissomozista.⁸⁸ "Em junho de 1979, a hierarquia católica declarou a legitimidade da oposição violenta ao regime de Somoza."⁸⁹

Os protestantes, cerca de 15% da população, tiveram sua posição apolítica também abalada na década de 60. Muitos jovens aderiram ao movimento revolucionário, ingressando inclusive na FSLN. A agência social CEPAD, organizada pelas denominações para canalizar a ajuda protestante vinda do exterior para as vítimas do terremoto de 1972, começou, a partir de determinado momento, a questionar o regime somozista. "Nas insurreições de 1978 e 1979, o CEPAD e as igrejas protestantes ajudaram os refugiados e providenciaram remédios e alimentos aos sandinistas."⁹⁰

"Essa participação cristã ativa - que compreende também numeroso protestantes (...) - influenciou profundamente o sandinismo, como ideologia composta do *nacionalismo agrário radical Sandino*, do *cristianismo revolucionário* e da *corrente guevarista do marxismo latino-americano*. A linguagem, os símbolos, as imagens e a cultura do Sandinismo são frequentemente emprestadas do Evangelho: o que se vê tanto ao nível da base do movimento quanto nos discursos de alguns dos principais dirigentes da FSLN..."⁹¹

85. Freston, p.119-120

86. Lowy, p.68.

87. Freston, p.120.

88. Freston, p.120.

89. Freston, p.121.

90. Freston, p.121; Lowy, p.68-69.

91. Lowy, p.75.

Quatro meses após a vitória da revolução, os bispos católicos da Nicarágua se manifestaram afirmando que o povo havia lutado heroicamente para defender o seu direito a viver com dignidade, em paz e em justiça.⁹² Não há dúvida de que “a componente cristão do sandinismo é uma das razões da originalidade da revolução nicaragüense e do seu poder atração no próprio país, na América Latina e em todo o mundo.”⁹³

Considerando esse movimento uma das manifestações da sabedoria real de Deus na história, é oportuno citar Mortimer Arias:

“Na América Latina o Reino de Deus se manifesta historicamente quando as pessoas, apesar de suas barreiras confessionais, ideológicas e políticas, lutam unidas contra a injustiça em busca de uma ordem social mais justa, mais fraterna, mais solidária, mais livre, como é o caso da revolução na Nicarágua.”⁹⁴

Diante disso, podemos entender que, não só a revolução em si, mas o posicionamento e a ação dos cristãos da Nicarágua constituem uma adesão ao Reino, um sinal, uma verdadeira manifestação do Reino de Deus na história. Eles não só identificaram a presença de Deus naquele movimento que se iniciava mas, participando, tornaram-se também um sinal. Influenciaram-no, cumpriram sua missão como Igreja. “Deus está agindo na história, Seu Reino já se realiza. É preciso abrir os olhos para descobri-lo e tornar-se colaborador de Deus em sua obra.”⁹⁵

Deus queria acabar com a injustiça daquele país e com o sofrimento daquele povo. O Espírito sopra onde quer (Jo 3:8). É preciso cooperar com Deus, colocar-se à sua disposição para ser usado na transformação das sociedades injustas. Os cristãos nicaragüenses não poderiam ficar à margem da ação divina. Por isso posicionaram-se a favor do Reino de Deus e engajaram-se numa luta contra as forças do reino das trevas, forças que destroem o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.

2. Critérios Para Discernir os Sinais do Reino.

92. Freston, p. 130.

93. Lovy, p.80.

94. Freston, p.130.

95. Brakemeier, p. 15.

Deus está agindo soberanamente do mundo. Face às ambigüidades históricas, torna-se necessário discernir dentre as obras humanas, quais são de fato sinais da presença soberana de Deus.

Os acontecimentos históricos podem ser sinais do Reino de Deus ou sinais do reino das trevas. Os poderes do anti-Reino também se manifestam na vida humana e estão em constante oposição ao Reino de Deus.

Qual deve ser a nossa atitude diante de uma situação histórica concreta que exige de nós uma decisão? É diante das opções que a realidade nos impõe que perguntamos pelo Reino. Nossa pergunta não é “*onde está o Reino?*”. Jesus já respondeu a esta pergunta: “Está no meio de vós” (Lc 17:21). Nossa pergunta é: “*O Reino está aqui (neste fato histórico) ?*”.

Para que possamos cumprir nossa missão como cristão e como Igreja, na qualidade de cooperadores de Deus em sua obra, não podemos ficar esperando o Reino chegar “devemos analisar a realidade presente a fim de descobrir o caminho para o Reino.”⁹⁶

A parábola da figueira (Mc 13:28-29) é uma exortação de Jesus a vigilância é um ensino sobre o Reino. A figueira é a única árvore da Palestina que perde todas as suas folhas no inverno, ficando como morta. Quando chega a primavera começa a brotar novamente. Quando ela brota “significa que Deus cria vida nova à partir da morte.”⁹⁷

A vida que renasce é um sinal do Reino. Essa vida se manifesta pelo brotar. Assim, posso dizer que todas as vezes que há um brotar o Reino está presente. Estabelecemos, desta maneira, um critério, uma norma de julgamento.

Uma vez que é ilimitada a quantidade dos sinais que o Reino pode produzir deixaremos pistas que nos possibilitem julgar os fatos históricos.

Tomemos por modelo a *justiça*⁹⁸

Justiça, em si, é um termo absoluto e abstrato e, portanto, precisa ser relativizado em termos de algo concreto. Somente

96. Gotay (citando Jorge Pixley), p. 106; Cf. Brakemeier, p. 15.

97. J. Jeremias, p. 165.

98. A justiça não é o único sinal do Reino. Tal afirmação seria reducionismo inaceitável. Dentre os muitos sinais do Reino de Deus, escolhemos a justiça a título de exemplo.

podemos analisar, compreender e descrever a justiça em relação a alguma coisa.

Poderíamos falar em justiça social. Há justiça social, por exemplo, quando, numa sociedade, as pessoas têm acesso ao trabalho, vestuário, moradia, educação, alimentação, saúde, transporte, etc, em níveis satisfatórios sem que haja acúmulo de riquezas, exploração e miséria. Quanto menos desníveis houver e quanto menos difícil for o acesso aos elementos básicos à sobrevivência maior será a justiça social.

Essa exigência de relação é clara no Antigo Testamento.⁹⁹ Nas escrituras hebraicas há um grande número de palavras que expressam o que traduziríamos por justiça.¹⁰⁰ Poderíamos destacar *sedeq* ou *sdaqâh*, *mispat*, *emet*, *hesed*.

Traduz-se *mispat* por “direito” (Am 5:7, etc), “jugo”, “ordenança” (Ex 21:1; Ez 5:6,7, etc), e é utilizada frequentemente para designar o “reto ordenamento da sociedade”¹⁰¹ E a justiça como um dos tribunais humanos.¹⁰²

O sentido de *sedeq* ou *sdaqâh* (Am 5:7; Is 11:4,5, etc) é o de uma atitude de justiça interna, íntima, dinâmica. Comumente traduzida por “justiça” ou “retidão”, *sdaqâh* “excede a todas as decisões que vêm do tribunal”¹⁰³ e é ela que torna possível viver a fundo o *mispat*.¹⁰⁴

Os termos *emet* (verdade, fidelidade) e *hesed* (benignidade, misericórdia, graça, fidelidade à aliança) - Mq 7:20, etc - estão intimamente ligados ao *mispat* e *sdeq* (Sl 85:10-13; 33:4,5, etc).¹⁰⁵

A justiça no Antigo Testamento está sempre relacionada à comunhão com Deus e ao relacionamento com o próximo. Está presente nas mais diversas áreas da vida humana: jurídica, social, ética e religiosa.¹⁰⁶ É um conceito dinâmico, que carrega em si predominantemente a idéia do fazer, do realizar, do praticar a justiça.¹⁰⁷

99. Noetscher, p.595.

100. Noetscher, p.595; Tamez, p.108; Sicre, p.600ss; Siqueira, p.15-16; Seebass, p. 528-529.

101. Sicre, p.600.

102. Siqueira, p.15.

103. Siqueira, p.15.

104. Sicre, p.162,600.

105. Brown, p.592; Siqueira, p. 16.

106. Noetscher, p.595.

A justiça de Deus se revela no seu relacionamento com o povo. “A justiça de Deus não se refere a um atributo que o homem tenha dado a Deus, mas à revelação histórica de Deus em experiências de justiça, pela sua fidelidade à comunidade”¹⁰⁸ Sua justiça se manifesta na vitória contra os inimigos, como libertação e salvação, como socorro na aflição e cura das enfermidades. Javé é justo porque é fiel à aliança com a nação (Dt 26:6-8; Is 1:17; 5:7; Sl 10:14; Am 2:6,7, 5:12-15; Mq 3:2), e exige que seu povo trilhe os caminhos da justiça revelada na lei. O justo é aquele que cumpre os mandamentos e vive em harmonia com a comunidade (Dt 6:25; Lv 19:13) de acordo com os padrões estabelecidos por Javé.

A justiça é freqüentemente apresentada como dom e obra de Deus (Is 45:8, 61:11) mas também como exigência e, conseqüentemente, como resultado do esforço humano (Am 5:24; Jr 22:3). A justiça expressa o comportamento que as pessoas devem ter de conformidade com a vontade divina.¹⁰⁹

O aspecto social, como podemos ver, é bastante forte e determinante na concepção vétero-testamentária de justiça. Os profetas denunciaram as injustiças sociais que se manifestavam na corrupção dos tribunais (Am 5:12; Mq 3:11, etc); os procedimentos fraudulentos dos comerciantes (Mq 6:9-11; Jr 5:27, etc); a escravidão (Am 2:6; Jr 34:8-22); o acúmulo de terras (Is 5:8,9; Mq 21:1-5); os salários minguados e a exploração dos operários (Jr 22:13-19, etc); os impostos abusivos (Am 5:11); o roubo (Os 4:2; Mq 2:2, etc); os assassinatos (Jr 7:9; Os 4:2, etc); a riqueza acumulada injustamente e a ganância (Ez 22:12; Jr 6:13; Is 56:11, etc).¹¹⁰

Para os israelitas a justiça (*sedeq*), o direito (*mishpat*), a misericórdia (*hesed*) e a verdade (*emet*) são indicativos da presença de Javé (Sl 89:15; 94:14,15).¹¹¹

O Novo Testamento conserva a conotação social da justiça do Antigo Testamento, entretanto o termo é enriquecido e ganha uma gama mais larga de sentidos, sobretudo em Paulo.

107. Noetscher, p.595.

108. Tamez, p.108.

109. Blaesser, Justiça no Novo Testamento, p.601

110. Cf. Sicre, p.604 a 609.

111. Cf. Tamez p. 108

A palavra *dikaioosine* corresponde basicamente a *sedaqâh* ou *sedeq*, mas traduz outros grupos de palavras relacionadas à justiça.

Nos escritos de Paulo, justiça e justificação são conceitos extremamente interligados. Ser justificado é alcançar a justiça de Deus. Quando Deus nos justifica, nos atribui sua justiça.¹¹² A diferença dessa concepção para a judaica é que para o judeu a justificação é o reconhecimento por Deus do justo como justo. Paulo afirma que Deus justifica o ímpio (Rm 4:5).¹¹³ A base de sua doutrina de justificação está na interpretação que faz de Hc 2:4. Por trás dessa discussão está o conceito judaico de que o justo é o que cumpre a Lei. Paulo afirma não ter justiça própria que procede da lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, isto é, a justiça que procede de Deus (Fp 3:9). Por isso, aquele que, pela fé, é considerado justo por Deus, é salvo. (Rm 1:16 e Gl 3:11).

Caberia, neste ponto, um maior aprofundamento e discussão sobre a doutrina da justificação. Entretanto, como este não é nosso objetivo, procuraremos nos ater ao aspecto social da justiça do Novo Testamento, uma vez que é o que nos interessa como sinal do Reino de Deus.

Vejamos o evangelho segundo Mateus. A doutrina da justiça apresentada pelo autor é parte central da mensagem do livro.¹¹⁴ No Sermão do Monte, verificamos que as exigências de Jesus com respeito à prática da justiça na vida são bem maiores que a dos escribas e fariseus (Mt 5:20). A intenção do coração é elemento fundamental (Mt 5:22; 6:1). A justiça está inseparavelmente associada ao amor, à caridade (Mt 5:25, 38-48). Mateus nos apresenta a justiça do Reino como ideal a ser perseguido juntamente com o Reino (Mt 6:33). Essa justiça, quando estabelecida, fará com que não haja mais necessitados de vestes e de pão (estas coisas serão acrescentadas, da mesma maneira como são agora, como prenúncio do que há de vir).

As bem-aventuranças são um retrato da transformação social que virá com o Reino. Dentre essas transformações destacamos o anúncio do fim das injustiças (Mt 5:6).

112. Blaeser, *Justificação em Paulo*, p. 611

113. Blaeser, *Justificação em Paulo*, p. 610

114. Seebass, p. 534.

Daf, podemos concluir que, qualquer movimento social que tenha por objetivo eliminar a opressão e criar condições para que um maior número de pessoas tenha acesso à vida, pode ser sinal do Reino de Deus. Não afirmo categoricamente que é um sinal do Reino porque, como temos dito, a história tem suas ambigüidades. E quanto mais distante da fé em Deus estiver um movimento, mais ambíguo ele será.

Todo fato histórico que consiga materializar ideais e valores do Reino de Deus - como liberdade, justiça, amor, paz, solidariedade, dignidade, vida, etc - ou que lute pela materialização desses valores e ideais, pode ser encarado como sinal do Reino.

O engajamento do cristão numa luta desse cunho não deve ser inconseqüente. Os cristãos da Nicarágua, antes que aderissem à Revolução Sandinista, tiveram que compreendê-la como vontade de Deus, como instrumento divino para a construção de uma sociedade mais justa. Seu engajamento foi consciente. Que possamos seguir seu exemplo!

CONCLUSÃO

O Reino de Deus é o símbolo que expressa a ação de Deus no mundo, hoje e no futuro.

Este símbolo é marcado por uma dupla dialética: entre presença e futuridade e entre ação humana e ação divina.

O Reino de Deus acontece na história, atuando por mediações humanas. Nossa história atual continua sendo palco das ações de Deus, como continuação da história bíblica.

O ser humano colabora com Deus na edificação do seu Reino quando luta por ideais e valores que correspondem ao projeto divino para a criação.

Essa luta nunca chegará ao fim neste mundo, porque a plenitude do Reino é a plenitude divina, que não poderia vir nesta história.

O Reino, definitivamente inaugurado por Jesus, é "cumprimento *sem consumação*", "*escatologia em processo de realização*". Por isso esperamos novos céus e nova terra (Is 65:17ss; Ap 21:1ss), onde reinará a justiça e Deus será tudo em todos (I Co 15:28).

O que resulta disso é que não podemos ficar aguardando a parusia de braços cruzados. Como cristãos, e como Igreja, devemos ter consciência de nossa missão e responsabilidade.

Para melhor cumprir nossa missão precisamos estar atentos ao que Deus está operando na história e ao que tem sido manifestação do reino das trevas.

Tomando o Reino de Deus como paradigma, nossas ações devem ser canalizadas no sentido ou de nos aliarmos a Deus no que Ele já está fazendo, ou de tomarmos a iniciativa, de acordo com sua revelação, tornando-nos seus instrumentos para a construção de um mundo melhor.

BIBLIOGRAFIA

ARIAS, Mortimer. *Venga Tu Reino: La Memória Subversiva de Jesús*. México, CUPSA, 1980.

BLAESER, P. *Justiça no Novo Testamento in Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo, Loyola, 1988. 4ª ed. vol. 2.

BLAESER, P. *Justificação em Paulo in Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo, Loyola, 1988. 4ª ed. vol. 2.

BONINO, José Miguez. *Reino de Deus, Utopia e Compromisso Histórico in A Fé em Busca de Eficácia*. São Leopoldo, Sinodal, 1984.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo, Sinodal, 1984.

BROWN, Colin. *Justiça in Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 1983. vol II.

FRESTON, Paul. *Cuba e Nicarágua: Uma Análise dos Processos Revolucionários*. São Paulo, ABU, 1985.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. São Leopoldo - Petrópolis, Sinodal/Vozes, 1976. vol.I.

GOTAY, Samuel Silva *O Pensamento Cristão Revolucionário na América Latina e no Caribe: Implicações da Teologia da Libertação para a Sociologia da Religião*. São Paulo, Paulinas, 1985.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: A Pregação de Jesus*. São Paulo, Paulinas, 1984. 3ª ed.

KITTEL, Gerhard. *Rei e Reino in A Igreja no Novo Testamento*. São Paulo, ASTE, 1965.

KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese Teológica do Novo Testamento*. São Leopoldo, Sinodal, 1983, 3ª ed.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro, JUERP, 1985.

LOWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1991.

LOCKMANN, P. de Tarso ed. *MT 5: As Justiça e o Justo in A Verdade da Justiça*. Petrópolis, Vozes, 1987. (Estudos Bíblicos - 14)

- NOETSCHER, F. *Justiça: Antigo Testamento* in *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo, Loyola, 1988. 4ª ed. vol. 2.
- RUBIO, Alfonso García. *Unidade na Pluralidade: O Ser Humano à Luz da Fé e da Reflexão Cristãs*. São Paulo, Paulinas, 1989.
- SEEBASS, Horst. *Justiça* in *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 1983. Vol. II.
- SICRE, José Luís. *A Justiça Social nos Profetas*. São Paulo, Paulinas, 1990.
- SIQUEIRA, Tércio Machado. *Conhecer a Deus é Praticar a Justiça (Jr 22:13-14) in A Verdade da Justiça* Petrópolis, Vozes, 1983.
- SOBRINHO, Jon. *Cristologia à Partir da América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- TAMEZ, Elsa. *A Bíblia dos Oprimidos: A Opressão na Teologia Bíblica*. São Paulo, Paulinas, 1981, 2ª ed.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *O emprego de Basiléia no Novo Testamento*. in *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 1983. vol. IV.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Reino de Deus: Paradigma da Missão da igreja in Reformada*, Fundação Eduardo Carlos Pereira, Londrina, 1989. ano I, nº 1, agosto de 1989.

O PAPEL DA MULHER: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA ÓTICA CRISTÃ

Marlon Fluck

INTRODUÇÃO

“O papel da mulher; uma perspectiva histórica a partir da ótica do cristianismo”, esse é o tema que escolhemos para esse pequeno estudo. O tema pode soar como demais pomposo para esse nosso esforço, bastante artesanal por sinal, de buscar alguns referenciais cristãos para a abordagem da temática.

Partiremos do pressuposto de que cada fase da postura cristã frente a que papel a mulher deveria desempenhar deve ser interpretada e avaliada criticamente dentro do universo *conceptual em voga no momento*. Cada posicionamento tem um contexto sócio-cultural em que se constituiu. É por isso que partiremos da abordagem sobre o papel e conceituação da mulher dentro da cultura greco-romana, que era a determinante quando dos incios do Cristianismo. Mencionaremos aí as concepções dos dois mais conhecidos filósofos helênicos. Em seguida, daremos uma olhada panorâmica naquilo que o Direito Romano menciona sobre o assunto no período imediatamente anterior ao surgimento do Cristianismo. Julgamos isso relevante por entendermos o direito como a legitimação daquilo que, via de regra, se pratica. Na seqüência, abordaremos as concepções do Mitraísmo sobre o assunto em questão, visto ter essa corrente mítico-religiosa sido a maior concorrente do Cristianismo nos primeiros quatro séculos de sua existência.

Isto visto, passaremos à análise do Gnosticismo com sua concepção de que a matéria não procede do Deus bondoso. Como se entende que a materialização das almas (encarnação ou nascimento biológico) se dá através da mediação da mulher, isso repercutirá, certamente, sobre a valorização que se fará

dela. O Cristianismo não fugirá do diálogo com essas concepções visto que o Gnosticismo produzirá versões sincretizadas com o Cristianismo. Dentro do Cristianismo surgiu também o movimento chamado Montanismo, onde as mulheres desempenharam, pelo menos em seus primeiros momentos, papéis idênticos aos dos homens. No entanto, isso será contraproducente para a conquista maior de espaço para a mulher no desempenho de ofícios sacerdotais, visto que faltar-lhe-á sobriedade em seus experimentos. Com estes dois movimentos perceberemos a forma de relação que desenvolver-se-á frente à sexualidade e maternidade.

Chegando ao desfecho dos assuntos acima descritos, passaremos ao segundo capítulo, onde queremos falar sobre o papel da mulher no decorrer da história do Cristianismo. Nosso alvo é o resgate de experiências históricas cristãs que tenham alguma relevância para entendermos a situação hodierna. Perceberemos a forma igualitária entre os sexos no que respeita à sua constituição. Daremos alguns vislumbres acerca do papel desempenhado pela mulher na expansão do Cristianismo, também para fora do seu contexto original judaico ou greco-romano. Queremos apresentar também uma tentativa de interpretação honesta de um texto bíblico de difícil entendimento e que tem sido usado muitas vezes como meio de opressão da mulher e como argumento para que ela não desempenhe qualquer cargo relevante a nível eclesial. Veremos em Clotilde o quanto uma mulher pode influenciar a vida de um rei, nesse caso o dos francos sálicos. Falaremos um pouco sobre uma escola feminina erudita, coordenada pelo mais conceituado dos teólogos latinos.

Perceberemos, por outro lado, que o espaço para a atuação da mulher na história cristã ocidental sofre oscilações. Entre os séculos X e XIII experimenta certo apogeu. Nos séculos XIV e XV perceber-se-á um retrocesso. Do século XVII ao XIX, haverá retração da atuação da mulher, fato esse que coincidirá com o avanço da influência da burguesia histórica. O resultado disso será uma confinação da mulher ao papel de dona de casa. No século XX, no rastro dos movimentos de libertação feministas, perceber-se-á o ressurgimento da mulher na vida social, num sentido irrestrito.

Mencionaremos, a título informativo, a experiência Quaker, movimento religioso em que se concede igualdade comple-

ta a ambos os sexos no desempenho de toda e qualquer atividade. Como desfecho desse trabalho, apresentaremos alguns comentários conclusivos, visando estabelecer alguns parâmetros para futuras pesquisas sobre o tema. O desafio desse tema apresenta-se bastante vasto e cheio de surpresas. Espero que essa pequena contribuição para a discussão, que agora apresento, estabeleça uma nova possibilidade de leitura da história, bem como produza a desmitologização de algumas posturas que se arrogam ao direito de terem “redescoberto a roda”. Penso ser essa a grande contribuição da história: Tornar-nos mais humildes em nossas asseverações, bem como levar-nos a um maior respeito na análise de outros tempos. Por outro lado, nosso desejo é que o olhar para o passado nos projete para o futuro, conduzindo a aqueles que ainda se consideram cristãos, entre os quais o autor desse opúsculo se inclui, a uma ação mais coerente com aquele respeito que o próprio Jesus Cristo teve para com a dignidade da mulher.

I. O PAPEL DA MULHER NA CULTURA GRECO-ROMANA

Antes de falarmos sobre o papel da mulher na história a partir da ótica cristã, é importante, a bem de justiça, comentarmos sobre como ele era entendido no contexto em que o Cristianismo se inseriu: a cultura greco-romana. É frente a esse contexto cultural que o cristianismo desenvolveu sua abordagem específica.

1. Cultura Grega

Platão deixa claro seu conceito sobre a mulher quando fala da libertação da alma da prisão do corpo. Ele sugere então que “o destino de um homem mau seria a reencarnação em uma mulher”¹. Aristóteles, por outro lado, entendera as mulheres como “machos imperfeitos, produzidos acidentalmente por insuficiência paterna ou pela insuficiência nociva do vento úmido do sul”².

2. O Direito Romano

Todo o fundamento da sociedade romana residia na autoridade do pai de família. Ele era “o único cidadão total, proprie-

tário, chefe militar e sacerdote”³. O lar e a cidade baseavam-se em sua pessoa. O especialista em direito romano tem dito que:

“Sem exagero nem paradoxo, a mulher em Roma não era sujeito de direito (...) A sua condição pessoal, as relações com os parentes ou o marido são da competência da 'domus', onde o pai, o sogro ou o marido são os chefes todo-poderosos (...) A mulher é unicamente um objeto.”⁴

Isso vai se refletir também na vida política, visto que aí a mulher não virá a exercer nenhum papel oficial. Na administração será também completamente ausente. Ela pode sentar-se nas festas, espetáculos e banquetes, quando na época o costume é de que se coma deitado, o que indica que tinha de se abster da ingestão de qualquer coisa servida.

O pai é quem possui o direito de vida ou de morte sobre os filhos. “Em caso de adultério, só ele tem o direito de matar a filha infiel, tendo o esposo apenas o direito de matar o cúmplice”⁵. O poder paterno sobre a família era tão grande que:

“Se o pai devia conservar os filhos à nascença, por causa das necessidades militares (salvo se eram defeituosos ou julgados muito fracos), em geral guardava apenas uma filha, a mais velha; numa família romana só excepcionalmente vemos mencionadas duas filhas. E é significativo que cada rapaz receba um 'praenomen' (nome próprio), marca de personalidade que o distingue dos irmãos, enquanto a rapariga, geralmente a mais velha, possui apenas um nome de família, o da família paterna (...) Portanto, a filha não possui nome pessoal, apenas o do pai.”⁶

É exatamente a nível de configuração do Direito Romano que perceber-se-ão mudanças significativas a partir da influência do cristianismo primitivo. Apesar de existir muitas controvérsias sobre o assunto, há um reconhecimento de que o campo em que o cristianismo mais fortemente influenciou o Direito Romano foi no do direito da família⁷.

3. O Mitraísmo

O Mitraísmo constituía-se em uma religião indo-iraniana, trazida da Pérsia pelos romanos, cuja prática visava a sincretização de cultura e religião dos povos que dominava pelo poder das armas. O Mitraísmo espalhou-se pelas regiões mais afastadas do Império. Sincretizou-se com o culto ao “Sol Invicto”. Sob Aure-

liano (270-275) veio a tornar-se a religião oficial do Império. Traços desse culto percebemos ainda na lingüística anglo e teuta, visto que se anuncia o domingo como "Sun-day" e "Sonntag", literalmente significando "dia do sol", dia reservado à adoração do "Sol Invicto" ou "Mitra". O domingo entrou como feriado pela primeira vez devido a esse culto. Esse culto religioso constituiu-se no maior desafio ao Cristianismo nos primeiros quatro séculos da era cristã. Será o grande concorrente do Cristianismo. Havia muitas outras analogias entre ambas religiões, que não estão dentro do propósito de nosso trabalho descrevê-las no momento⁸.

Como elemento constitutivo dessa religião percebe-se que Mitras é descrito como uma divindade marcadamente viril: Ele era um deus-soldado. Não é por acaso que as legiões romanas cultuavam-no. Diante dessa divindade virilizante e bélica é que o Cristianismo ter-se-á de posicionar em seu período inicial. Geralmente, aquilo contra o que alguém tem de combater por muito tempo vai, consciente ou inconscientemente, também introjetando-se na forma de ser daquele que se opõem.

Não nos impressiona que Celso, preocupadíssimo com a propagação do Cristianismo, que ninguém conseguia conter, tenha escrito contra o mesmo e tenha tentando denegrir a pessoa de Jesus, dizendo que Ele provém:

"de uma aldeia que nem sequer é helênica e de uma nação que não tem dignidade entre as gentes; (...) Jesus, a quem se quer difamar de ser filho de uma mulher pobre, que ganhava a vida fiando, e de haver tido que abandonar por pobreza sua pátria e se posto a trabalhar como diarista no Egito (...)".⁹

Celso ainda acrescenta que Jesus foi o fruto do fato de Maria, sua mãe, ter adulterado com um soldado.¹⁰ Celso caracteriza o cristianismo como agrupamento composto por escravos, crianças e mulheres de não boa reputação.¹¹ Há da parte de Celso o intento de mostrar que um movimento desse tipo não podia angariar a adesão dos romanos da forma em que estava acontecendo. O cristianismo depara-se, portanto, com uma apologética que argumenta pelo lado da posse da virilidade. Diante disso, Orígenes, apologeta cristão, responde-lhe:

"(...) esse teu Hesíodo (...) disse em forma mítica, acerca da mulher, que havia sido dada por Zeus aos homens como uma calamidade, pelo preço do fogo (Hesíodo ... Frgs 57).¹²

A mulher foi descrita por Hesíodo como “grande desastre para os homens industriais”¹³, o qual ainda acrescenta:

“Pois o gênero humano vivia antes na terra, sem males, sem trabalho doloroso, sem as graves doenças que a morte acarretam aos homens; mas as **mãos da mulher tiraram a grande tampa do tonel, saiu tudo e aos homens calamidades mil assim lhes trouxe**”¹⁴

4. O Gnosticismo

O Gnosticismo assumiu, no decorrer da história, várias matizes. Era um movimento sincrético, sendo que o principal problema que queria solucionar é: “Como se acha o verdadeiro conhecimento (gnose) que esclareça o enigma do mal no mundo, assim como o enigma da existência humana?”¹⁵ O Gnosticismo se caracteriza doutrinariamente por um forte dualismo em que se contrasta luz e trevas, bem e mal. O responsável pelo mundo material (segundo o Antigo Testamento: o Deus Criador) é visto como *demiurgo* que não conhece a luz. Tal concepção está intimamente vinculada à teoria platônica da queda da alma, sendo que, em decorrência dessa, a alma passou a ser aprisionada no cárcere chamado corpo (ou matéria). O mundo da matéria é visto como mau.

Por isso, o “criador”, do qual tanto fala o Antigo Testamento (na Bíblia), não pode ser o Deus bondoso (Pai de Jesus Cristo), mas somente o ser inferior, chamado *demiurgo*.

Nesse contexto, a gnose dá acesso ao mundo real das idéias e liberta da inferioridade da matéria. Só um grupo especial de pessoas terá acesso aos mistérios da gnose: os iniciados.

Naturalmente, a concepção que o gnosticismo tem da matéria irá repercutir sobre a forma de entender a mulher, instrumento privilegiado no processo de materialização das almas. Marcião (81-160 a.D.), líder mais conhecido do movimento sincretizador do gnosticismo e cristianismo (segunda fase do movimento global), condena abertamente matrimônio e procriação, o que é considerado como indecência, sendo que, falando desse último, ele dirá que “entre fezes e urinas nascemos”¹⁶. O problema vai eclodir quando aplicam-se esses conceitos à integração da figura de Jesus de Naza-

ré, que o Cristianismo anuncia como sendo Deus assumindo a forma humana, encarnando-se no mais amplo sentido.

O MONTANISMO

No final do reinado de Antonino Pio (138-161 a.D.) e no período de Marco Aurélio (161-180 a.D.), viveu-se um período de incidência de peste, de guerras e de miséria social. Em meio a essa ebulição, surge a figura de Montano. Tendo sido sacerdote das religiões existentes na Ásia Menor, adere ao cristianismo por volta de ano 155 a.D. Ele logo tem experiências extáticas, passando à prática da *glossolalia*. Logo aderem às suas concepções e prática duas mulheres, Maximila e Priscila. O trio passa a anunciar que:

“o fim do mundo está próximo. Ainda antes de suas mortes, ele haveria de vir. Haveria um período de guerras e tumultos, sendo que então desceria a Jerusalém milenar dos céus e, em verdade, não na Palestina, mas na Ásia Menor. Os crentes deveriam vir conjuntamente a Pepuza (ou Tynion, ambas cidades pequenas da Frígia) e aí esperar o tempo do fim.”¹⁷

As profecias de Montano causaram grande impacto, a começar por Priscila e Maximila que, imediatamente abandonaram seus maridos para esperar a concretização da utopia apocalíptica. Elas, em estado de êxtase, passaram a também apresentar suas profecias.

O Montanismo passou a exigir renúncia ao matrimônio, visto que esse “era, a seus olhos, o que mais fortemente prende a este mundo”¹⁸. Maximila anunciou em um êxtase: “Depois de mim não virá nenhum profeta, senão a consumação do fim”¹⁹. Como ela morreu em 179 a.D., sem que chegassem a concretização da hecatombe predita, o movimento passou a experimentar descrédito. Da mesma forma, a experiência de um movimento em que havia mulheres profetizas em pé de igualdade com o líder masculino, produziu, ao seu ver, desconfiança por sobre outros intentos de liderança feminina de ponta, como, por exemplo, na constituição dos conselhos de presbíteros, liderança máxima nas igrejas locais.

II. O PAPEL DA MULHER NO CRISTIANISMO HISTÓRICO

Tendo o cristianismo vínculos de origens com o judaísmo, enfatizou-se igualmente o fato de que não há desigualdade constitutiva na formação de homem e mulher. Ambos são feitos como “imagem de Deus”. Em termos valorativos não se pode advogar desigualdade, apesar de que em termos de missão específica entende-se que há distinções (p.ex. o homem não teria condições, de acordo com o cristianismo primitivo, de desempenhar a ‘missão de mãe’, conforme I Tm 2:15, missão essa altamente valorizada, ao contrário do que se vê nos movimentos montanista e gnóstico, mesmo em suas alternativas denominadas cristãs). A procriação não foi vista como ‘fruto do pecado’, pensamento que posteriormente popularizou-se. Havia espaço para a valorização da sexualidade como fonte de prazer e não apenas de procriação, seguindo a visão dos textos bíblicos de Provérbios 5:15-20 e Cantares.

Inclusive na forma de falar de Deus, percebe-se que se faz uso de imagens masculinas bem como femininas para expressar a forma de Deus manifestar-se aos seres humanos.

Jesus Cristo acentuou a igualdade entre o masculino e o feminino. Ele conversou publicamente com as mulheres, inclusive aquelas tidas por “pecadoras” (no sentido de mau uso da sexualidade: adúlteras e prostitutas).

“Nesse caso, um homem judeu teria proibido uma mulher de falar-lhe na rua, mesmo que se tratasse de sua própria mulher, filha ou irmã. Ademais, considerava-se como um fato ímpio ensinar a lei a uma mulher; segundo o Talmud, seria melhor queimar as palavras da lei que confiá-las a uma mulher. Porém, Jesus quebrou essas normas e convenções da tradição. Quando Maria de Betânia sentou-se a seus pés para escutar seus ensinamentos, ele a felicitou por fazer o que era necessário, e a outra Maria deu a honra de ser primeira testemunha da Ressurreição. De tudo isso não existiam precedentes.”²⁰

Na época apostólica, a mulher desempenhará um papel de relevância na expansão da igreja. Em sua carta aos Romanos, no capítulo 16, Paulo cita vários nomes de mulheres que tinham igrejas funcionando em suas casas, bem como se menciona uma “apóstola”.

A igreja que Paulo cria em Filipos, inicia-se, provavelmente em torno de Lídia, vendedora de púrpura, única pessoa que poder-se-ia qualificar como psiquicamente equilibrada dentre as três que aceitaram a boa notícia de que há uma vida nova para aquela pessoa que entrega sua vida a Jesus Cristo e recebe-o como Salvador (os outros dois mencionados são uma jovem escrava que dedicava-se à adivinhação e um carcereiro suicida). Aquela igreja caracterizou-se como possuidora de forte liderança feminina (isso vê-se, entre outras coisas, na exortação a que duas líderes passem a pensar mais em concordância em vez de anularem-se através da discórdia, como se lê em Fil. 4:2).

O texto difícil encontrado em I Cor 14:34 a 36, onde nos é dito: "Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar, mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seus próprios maridos; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja", deve ser entendido dentro do seu contexto imediato de toda a carta do apóstolo, onde se percebe uma abordagem acerca da liturgia do culto público, e em especial a parte desse em que os profetas falavam e a sua mensagem era julgada para ver se procedia de Deus ou não (ou seja, se estava conforme a mensagem até então conhecida do evangelho de Jesus Cristo ou não). Nesta parte do culto todo visitante podia falar quando se apresentava como cristão e trazendo uma mensagem da igreja de outra localidade. No momento em que a mensagem era julgada - discernida - geralmente ocorriam muitos conflitos verbais, porque aos falsos profetas não se permitia que continuassem a fala. A meu ver, esse período era aquele em que não se permitia que a mulher falasse, visto que a ela era possibilitado falar em outros momentos, de acordo com o que está escrito em I Cor 11:5. No momento em que a palavra de um era contraposta à de outrem, aí a mulher deveria abster-se da fala, visto que, naquele contexto cultural (Corinto era centro cultural helênico de destaque), isso significa que sua colocação embasada na mensagem evangélica seria desprezada, sendo que o que sairia perdendo, na verdade, seria a própria causa evangélica.

A aplicação de textos bíblicos como esse diretamente a outros contextos, sem o devido exercício hermenêutico, poderia

levar a aberrações. Uma situação muito distinta viveu o cristianismo quando expandiu-se para fora do contexto político-cultural do império romano. Percebe-se claramente essa diferença, por exemplo, na experiência de Clóvis, rei dos Franco-Sálicos. A tentativa de evangelização do povo franco já estava se desenrolando há quase um século, sem haver, no entanto, um grande sucesso. Clóvis casa-se, então com Clotilde, cristã convicta. Diante da adoração a outros deuses Clóvis ouve de Clotilde um arrazoado que nada tem a ver com um silenciar subserviente:

“os deuses que vós venerais não são nada, incapazes que são de se valerem a si próprios ou de prover às necessidades de outrem. São ídolos de madeira, de pedra ou de metal... São mágicos, o seu poder não é de origem divina. O Deus a quem é necessário prestar culto é aquele cuja palavra retirou do nada o céu, a terra e tudo o que eles contêm... e é por efeito de sua vontade que os campos produzem as suas colheitas, as árvores os frutos, as vinhas as uvas; pela sua mão foi criado o gênero humano. Graças à sua liberalidade, toda a criação está ao serviço do homem, lhe está submetida e o cumula de benefícios”²¹

Anos mais tarde, Clóvis, estimulado pelo estilo de vida e pelo testemunho verbal de sua esposa, invocará o “Deus de Clotilde”, marcando esse passo, na virada do século V para o VI, o início da expansão efetiva do Cristianismo entre os francos.

Sublinha-se, fora do ambiente cultural grego-romano:

“o papel ativo que as mulheres tiveram no domínio da evangelização, numa época em que o Ocidente hesita entre paganismo, arianismo e fé cristã”²²

Há uma série de povos bárbaros em que a propagação do Cristianismo deu-se pela influência das mulheres.²³

Papel de destaque desempenharão mulheres na escola de Sofrônio Eusébio Jerônimo, nome conhecido por ter sido o responsável pela tradução dos livros bíblicos do hebraico e grego para o latim, produzindo assim a versão bíblica chamada “Vulgata”, até hoje considerada a Bíblia oficial do Catolicismo Romano.

Quando trabalhava em Roma, onde atuava como secretário do Papa Dâmaso, tornou-se mestre de exegese bíblica de um grupo de senhoras pertencentes à alta aristocracia romana, destacando-se entre essa, Marcela, Paula e sua filha Eustóquia. A

crítica de Jerônimo ao estilo de vida dos clérigos de Roma trouxe sobre ele o ódio de vários. Com a morte deste Papa e a eleição de Serício, em 385, Jerônimo teve que retirar-se dali. Com o auxílio daquelas senhoras contrói um mosteiro para homens, três para mulheres e um albergue para peregrinos. Ele continua a ser mestre daquelas senhoras aristocratas, sendo que algumas delas vão fazer parte de sua equipe de tradução bíblica das línguas originais para o latim.

“Ele sabia por experiência que as mulheres são tão capazes quanto o homem para os estudos, e indicava às suas dirigidas um programa de leituras que podia ser recomendado a qualquer intelectual do seu tempo ou de nossa época”²⁴.

Ele estimula suas discípulas a ensinarem suas filhas desde cedo, quando ainda no colo da mãe. Ele aconselha que, no ensino das crianças, “é preciso fazer com que ela goste daquilo que é levada a recitar, para que isso não seja trabalho, mas prazer, não seja necessidade, mas vontade”²⁵. Em carta a outra mãe diz que devia ensinar diariamente à sua filhinha porções bíblicas em língua grega, e a isso deve seguir-se a instrução latina, para que se acostume cedo com os acentos estranhos do idioma estrangeiro. Nesse estudo, mãe e filha devem ser mestras.²⁶

Jerônimo, considerado o “mais erudito dos Padres Latinos da igreja”²⁷, valorizou o ensino feminino, sabendo-se hoje, inclusive, que algumas de suas discípulas tornaram-se mais capacitadas que ele na arte de pronunciar e traduzir. Este tipo de experiência de ensino às mulheres divisa-se no decorrer da história da Igreja até o surgimento do Renascimento e das Universidades, quando então passa-se a preferir:

“Que se ensinem às raparigas as tarefas domésticas, fazer o pão, limpar um chapéu, fazer manteiga, cozinhar, as lavagens e as camas, fiar e tecer, bordar com a agulha, etc (...) desde esta época que a mentalidade mudou e a influência da universalidade, nomeadamente, se faz sentir neste domínio. A instrução tornar-se-á cada vez mais apanágio dos homens”²⁸.

O que se sabe é que “na Idade Média, as mulheres liam mais que os homens”²⁹. Elas, “não se contentavam apenas com a leitura, escreviam com frequência, e os manuscritos que testemunham o saber da época foram muitas vezes copiados por mãos femininas”³⁰. Sabe-se, por exemplo, que, “os poetas do século XII elogiaram muitas vezes as qualidades intelectuais

das mulheres que os rodearam”³¹. As constatações acima descritas levam a concordar com Pernoud, quando afirma que entre o século X e o fim do século XIII encontra-se o apogeu da participação feminina na sociedade e na intelectualidade:

“as mulheres exercem então, incontestavelmente, uma influência que não obtiveram nem as bonitas mulheres de Fronda no século XVII, nem as severas anarquistas do século XIX.

Esta influência decresce manifestamente durante os dois séculos seguintes, para os quais reservo a designação de tempos medievais. Os séculos XIV e XV apresentam, com efeito, uma idade “média”, no decurso da qual a mentalidade muda especialmente no que respeita à mulher.

E a roda da fortuna não tarda a arrastá-la para um eclipse, de que apenas emerge de novo no século XX”³².

A especialista mencionada, a partir de seus estudos, percebe-se de que,

“o lugar da mulher no seio da sociedade parecia diminuir lentamente na proporção em que o poderio do burguês se afirmava, se fortalecia, em que associava ao poder econômico e administrativo, o poder político”³³.

Infelizmente, no que diz respeito à possibilidade da existência de uma participação feminina efetiva nos cargos de liderança eclesiástica, percebe-se que os avanços tidos no que respeita ao acesso à cultura não refletiram proporcionalmente. Como os cargos sacerdotais (pressupostos como via de acesso à hierarquia eclesial) implicavam em administração de sacramentos, elas foram excluídas dessa possibilidade pelo fato de que se considerava a menstruação como algo que tornava a mulher impura para a distribuição dos mesmos, sendo que, assim, não teriam condições de manter uma atividade sacerdotal contínua³⁴. As mulheres tiveram, portanto, até o século XVII suas atividades de liderança restritas a tudo aquilo que não as tornassem a liderança de ponta.

Essa negativa de uma possibilidade de acesso da mulher à liderança eclesiástica pelas informações que tenho, foi suplantada pela primeira vez com o surgimento do movimento espiritualista inglês chamado “Quaker” (século XVII). Comentando a experiência deles, um renomado historiador eclesiástico nos diz que:

“Posto que Fox e os seus criam que toda estrutura no culto podia ser um obstáculo à obra do Espírito o culto dos amigos se celebrava em silêncio. Se alguém se sentia chamado a falar ou orar, o fazia. Quando o Espírito as impulsionava, **as mulheres tinham tanto o direito de falar ou orar em voz alta como os homens.** (...) De igual modo, os quakers não criam nos sacramentos, pois diziam que a água do batismo, e o pão e o vinho da comunhão, faziam a atenção centralizar-se sobre o material, ocultando a Deus em lugar de revelá-lo”³⁵.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Creio que já foi possível perceber, conclusivamente, que todo e qualquer movimento histórico tem que ser avaliado dentro do universo conceptual em que surgiu. A origem e desenvolvimento da postura cristã frente à temática do papel da mulher não escapa dessa constatação.

Percebo, outrossim, que há uma grande necessidade que se resgate a experiência tida pelo cristianismo no que respeita à nossa temática. Muitas vezes, parte-se para a leitura preconceituosa da axiologia cristã, exatamente por não se perceber as variações que se deram sobre o assunto no decorrer da história. Aí está, portanto, uma longa agenda para os pesquisadores sérios da história.

Constatei, em contraste com o Direito Romano, que o cristianismo sempre primou pelo direito à vida como algo inalienável da mulher. Ao mesmo tempo, percebo que as filhas no lar cristão possuem nome próprio. O judaico-cristianismo, sempre primou por acentuar a igualdade constitutiva entre homem e mulher: ambos são feitos da mesma substância e têm direito à mesma excelência de vida. O matrimônio e a procriação são defendidos como coisas belas e não como desgraça (como se vê no gnosticismo e montanismo). Homem e mulher é para viverem em complementariedade e companheirismo. Cristo, por sinal, rompeu com os mais arraigados preconceitos discriminatórios à mulher existente em sua época.

Percebemos, por outro lado, o papel preponderante das mulheres na propagação do cristianismo. Elas foram dignificadoras do cristianismo em resultado da dignificação que receberam a partir do conhecimento de Jesus Cristo como o Salvador e o amigo. Em contraste com as posições de Celso, percebemos

que Jesus não desprezou as mulheres pobres, bem como a igreja em seu início também não o fez.

No entanto, nós vivemos bem em outro contexto de herança cultural. O que significa ser cristão hoje à luz da experiência histórica do cristianismo bem como do próprio Jesus de Nazaré? Penso que o cristianismo questiona nossa cultura. Às mulheres deveriam ser dadas as mesmas condições de ensino que os homens recebem, em especial nas camadas médias e pobres de nossa população. O mesmo dever-se-ia aplicar às possibilidades de remuneração salarial.

Nós percebemos que foi a universidade que transferiu a posse da cultura, das mulheres para os homens. Como a Universidade brasileira tem trabalhado este dado?

Gostaria de apontar aqui para alguns campos da história do cristianismo em que valeria à pena concentrar nossas pesquisas futuras. A igreja teve, no passado, aquilo que se usa chamar de "doutoras da igreja" (Teresa de Ávila, Teresa de Jesus, Catarina de Siena, Clara de Assis). Por que o catolicismo abandonou essa prática de ter grandes mulheres na ponta das descobertas teológico-intelectuais? No lado protestante, temos no Exército da Salvação, bem como na igreja do Evangelho Quadrangular (um ramo pentecostal), experiência de instituições em que, desde o princípio, as mulheres desempenharam as mesmas funções que os homens. Mereciam ser melhor estudadas a partir dessa ótica.

Já há um avanço de várias denominações brasileiras no que diz respeito à igualdade absoluta de direitos entre homens e mulheres. Como vencer, então, aquilo que existe ainda de resistência na hora da prática dos princípios? Penso que essas são questões que devem continuar nos inquietando...

NOTAS

1. STOTT, John. *La fe cristiana frente a los desafíos contemporáneos*. B. Aires/Grand Rapids, Nueva Creacion/Eerdmans, 1991. p.274.
2. ARISTÓTELES, *apud* Id., *ibid.*, p.274.
3. PERNOUD, Régine. *A mulher no Tempo das Catedrais*. Lisboa, Gradiva, 1984. (Coleção "Construir o passado", 7) p. 22.
4. VILLERS, Robert. *apud* Id., *ibid.*, p.19
5. Id. *ibid.* p.19.
6. Id. *ibid.* 21s.

7. ALVES, José Carlos Moreira, **Direito Romano**, 5ª ed. Rio de Janeiro, Forense, 1983. v.1. p. 61s. Para perceber as influências do Cristianismo em outras áreas do direito romano, veja-se Régine PERNOUD, op. cit., p.27.

8. Para mais detalhes, ver FLUCK, Marlon Ronald. **História da Igreja Primitiva** (apostila). p.14.

9. ORIGENES, **Contra Celso**. Madrid, Editorial Católica, 1967. (Biblioteca de Autores Cristianos,). p.65s.

10. Cf. Id. *ibid.* p.68.

11. Cf. Id. *ibid.* p.217, 219.

12. Id. *ibid.* p.275.

13. HESÍODO, *apud* Id. *ibid.* p.276.

14. HESÍODO *apud* Id. *ibid.* p.276.

15. BAUS, Klaus **De la iglesia primitiva a los comienzos de la gran iglesia**. in SEDIN, Hubert. Ed. **Manual de história de la iglesia** Barcelona, Herder, 1980.

16. Maracão, Apud DREHER, Martin Noberto **A igreja no Império Romano**. São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1983. p. 47.

17. ALAND, Kurt. **Kirchengeschichte in lebensbildern**. Berlin, Verlage "Die kirche", 1953. v. 1. p. 86.

18. BAUS, Klaus. op. cit. p.306.

19. Apud id. *ibid.* p. 307.

20. STOTT, John - op. cit. p.280.

21. PERNOUD, Régine op.cit. p.14.

22. Id., *ibid.* p.17.

23. Vários casos são mencionados em Id., *ibid.*, p.18.

24. NUNES, Ruy A. da Costa **A história da educação na antiguidade Cristã**; o pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo. São Paulo, EPU-EDUSP, 1978. p. 184. Foi com Paula, *expert* em hebraico que ele "discutiu os problemas exegéticos do hebraico e juntos cantavam salmos no original". ROOY, Sidney. El rol de la mujer en la historia de la iglesia. **Encuentro y diálogo**. Buenos Aires (8): 29; 1980.

25. NUNES, R.A. da Costa. op. cit., p. 185.

26. Id., *ibid.*, p.182.

27. ALTANER, B. e STUIBER, A. **Patrologia**; Vida, obras e doutrinas dos padres da Igreja. São Paulo, Ed. Paulinas, 1988. p.396.

28. PERNOUD, Régine. op. cit., p. 69.

29. BARTSCH, K. *apud* Id. *ibid.* p.61.

30. Id., *ibid.*, p. 61s.

31. Id., *ibid.*, p. 60.

32. Id., *ibid.*, p. 8.

33. Id., *ibid.*, p. 7.

34. Cf. ROOY, Sidney. op. cit., p.28.

35. GONZALEZ, Justo L. **A era dos Dogmas e das Dúvidas: Uma História Ilustrada do Cristianismo**. vol. 8. São Paulo, Vida Nova, p.149.

DECLARAÇÃO DE HUAMPANI

Fraternidade Teológica Latino Americana

Conscientes do momento em que vive a FTL, a Igreja Evangélica e as mudanças e desafios de nosso contexto, nós, líderes e membros dos núcleos nacionais da FTL, convocados pela Diretoria Continental, reunimo-nos de 26 a 30 de abril de 1993 em Huampani, Lima-Peru, com o propósito de considerar a trajetória histórica da FTL, a fim de projetar seu rumo e papel para os próximos 10 anos no cumprimento da missão integral da igreja a partir da América Latina. Com espírito de oração, adoração e comunhão, fomos desafiados em nossa reflexão através da palavra de Deus e da realidade da América Latina a continuar forjando nossa tarefa teológica na e a partir da igreja.

CONTEXTO E MISSÃO

A América Latina experimenta uma crise ideológica - aprofundada pelo fracasso do socialismo do leste europeu; percebe-se um crescente desencanto e descrédito quanto à área política, ao Estado e suas instituições; a família sofre diversos graus de desintegração, o desemprego, a diminuição da renda, o alto custo de vida, a deteriorização dos níveis de saúde e educação, são indicadores da pobreza que afetam a maioria da população; finalmente, a corrupção e o narcotráfico, corroem a sociedade e provocam uma violência que a põe em perigo.

A recessão e o peso da dívida externa continuam afetando a economia de nossos países - acentuado pelas políticas de reajuste econômico - diminuem a capacidade de produção e a balança de pagamentos. Evidencia-se no continente uma busca de integração regional a fim de entrar na economia mundial. De igual modo, emerge a nível interno, uma crescente economia informal que se apresenta como uma alternativa de sobrevivência; e, por sua vez, a distância entre ricos e pobres aumenta.

Observa-se o ressurgimento crescente das culturas indígenas e afro-americanas, das mulheres e dos movimentos populares, que reclamam por suas reivindicações; reclamam, tam-

bém, pelo espaço para participar das decisões político-econômicas que os afetam e pela defesa de seus direitos humanos. Outrossim, temos que assinalar a deteriorização que sofre a Educação Pública, o acesso a ela e a exploração desmedida que sofre o patrimônio nacional e o meio ambiente.

No âmbito religioso continua o crescimento numérico e o avanço do protestantismo, especialmente das igrejas pentecostais. A participação na política e o despertamento missionário são alguns indicadores desse avanço. Por outro lado, evidencia-se dentro do protestantismo certo espírito de competição e absolutização de determinadas ênfases, tais como: a teologia da prosperidade, guerra espiritual e uma intensa busca pelo mágico e pelo milagroso. A participação em CLADE III das distintas tradições evangélicas e sua abertura para a reflexão da fé e missão, são sinais de esperança. Dentro do contexto da igreja católica destacam-se dois aspectos bem claros: as dificuldades da teologia da libertação e a "nova evangelização" proposta para o Continente. Finalmente temos que ressaltar a proliferação dos grupos esotéricos e sectários que, junto aos fatos acima descritos, constituem-se em nosso contexto, em desafio para o nosso afazer teológico.

RAZÃO DE SER DA FTL

A plataforma de diálogo que a FTL tem constituído, contribui para a vida e missão da Igreja da América Latina, por meio de uma reflexão teológica evangélica inter-disciplinar e contextualizada. Trata-se de prover o estímulo e a liderança intelectual para pensadores cristãos formados em diversas e distintas disciplinas, a fim de integrar seu trabalho reflexivo à perspectiva da fé. Ao mesmo tempo, esta reflexão se dá num contexto de envolvimento de base com o trabalho missionário da igreja. A experiência de vários membros da FTL e o desenvolvimento de novos projetos missionários surgidos em grande parte com o estímulo de sua reflexão teológica, confirmam que o papel de fermento tem um alcance significativo ainda que sua visibilidade institucional não seja imponente.

Tal como ocorreu nas origens da FTL, achamo-nos frente à necessidade de discernir o modelo de organização e participação que sirva melhor para a realização de seus propósitos. Creemos que a rica experiência de um pouco mais de 20 anos de re-

flexão teológica, oferece motivo suficiente para ratificar os objetivos que têm guiado nossa caminhada até o presente. Nesse sentido a figura de “fermento” comunica adequadamente o papel da FTL frente a possibilidades institucionais que se poderiam propor em relação à tarefa teológica.

A natureza do fórum que a FTL constitui tem conseqüências para a validação do conhecimento teológico que se produz nele. Não se apóia absolutamente na pretensão de um regime acadêmico elitista. Antes, desafia a pensadores de distintas disciplinas a reformularem sua identidade intelectual à luz das Escrituras, da experiência de fé e da missão no contexto latino-americano.

AGENDA E ESTRATÉGIAS

Plataforma de Reflexão

Agenda

A integração de novos membros com diversidade de experiências, reforça a importância em transmitir as prioridades e o espírito de trabalho da FTL como plataforma de reflexão. É necessário insitir no lugar das Escrituras e no reconhecimento de sua autoridade para a reflexão teológica. Por sua vez, deve-se chamar a atenção para as demandas do contexto latino-americano e a contribuição da experiência da espiritualidade pessoal e comunitária e do trabalho missionário.

Estratégias

- * Assegurar a renovação e continuidade da FTL por meio de incentivo e promoção às novas gerações.
- * Assegurar que a reflexão teológica inter-disciplinar passe pela exegese e pela exposição bíblicas.
- * Recorrer à contribuição dos autores anteriores da FTL e animar aos novos pensadores a dialogar criticamente com eles.
- * Animar os membros a canalizar os resultados de sua reflexão através das instituições e igrejas às quais pertencem.
- * Prover mais literatura, oportunidades e recursos aos novos membros para que possam expor seus pensamentos (bolsas, publicações, etc).

Os Núcleos Nacionais

Agenda

A reflexão teológica deverá emergir, desenvolver-se e aprofundar-se a partir dos núcleos nacionais. Os núcleos locais devem continuar estendendo-se para a reflexão teológica através das distintas vertentes evangélicas, grupos sociais, disciplinas e tensões teológicas dentro de seus respectivos contextos. Neste sentido, é preciso fortalecer a iniciativa, a participação e o desenvolvimento dos núcleos locais.

Estratégias

- * Fortalecer os núcleos locais da FTL.
- * Estimular o surgimento de núcleos locais onde não existem.
- * Estimular sua autonomia com respeito à organização, estilo de trabalho, liderança e programação.
- * Prover oportunidade de intercâmbio entre os núcleos locais das distintas regiões.

Caráter Participativo

Agenda

A reflexão teológica que a FTL promove, deve ter um caráter participativo. Para crescer nessa direção será necessário abrir espaços maiores para os grupos que não têm estado suficientemente representados. A inclusão das mulheres trará outro ângulo de pensamento e experiência na reflexão teológica. A participação de pensadores indígenas e afro-americanos desafiará a FTL a formular categorias pertinentes à nossa diversidade cultural e eclesial. A participação dos irmãos pentecostais enriquecerá nossa maneira de entender e realizar a missão. Tudo isso contribuirá para a fidelidade da FTL em seu afazer teológico.

Estratégias

- * Promover encontros nos quais se reflita sobre as distintas maneiras de fazer teologia além do sistemático e discursivo.
- * Estabelecer fóruns nos quais mulheres e homens reflitam sobre suas relações mútuas e sobre o papel da mulher cristã na vida eclesial e social.

- * Acompanhar o processo de reflexão teológica que são gerados nas comunidades indígenas e afro-americanas.
- * Refletir teologicamente sobre as cosmogonias indígenas e afro-americanas.
- * Dar maior ênfase na reflexão da FTL, com e sobre as tradições pentecostais.

Campo Interdisciplinar

Agenda

A FTL deverá continuar aprofundando a reflexão teológica interdisciplinar e contextualizada. Levará, com isto, a um maior compromisso dos pensadores evangélicos especializados em distintas disciplinas com suas congregações locais e com o enfoque de missão. Aqui é fundamental o estímulo aos crentes com formação acadêmica a discernir sua vocação como parte integral de sua vida de fé.

Estratégias

- * Incorporar aos núcleos locais a evangélicos com formação acadêmica nas disciplinas pouco representadas na FTL.
- * Continuar estimulando a formação de centros de investigação, reflexão e serviço que tenham caráter interdisciplinar.
- * Seguir refletindo interdisciplinariamente com temas de interesse prioritário para a igreja e para a realidade latino-americana.

Agenda Temática

Agenda

A agenda temática da FTL deve continuar com os temas que têm sido fundamentais para a vida e missão da igreja e procurar incluir aqueles que surgem da realidade atual nos contextos sócio-político, eclesiástico, religioso e cultural de nosso continente.

Analisar criticamente as experiências vividas nos diversos níveis de participação política e buscar novos rumos de ação e reflexão dentro da realidade social e eclesial.

No contexto eclesial, refletir sobre as principais tendências que estão transformando a face do protestantismo latino-americano, com especial atenção para as teologias da prosperi-

dade, da absolutização da batalha espiritual e da ênfase ao mágico, etc. Urge expor as debilidades destas teologias e reafirmar a cosmovisão bíblica.

Resgatar a herança teológica, espiritual e missionária das diversas tradições cristãs e sua relevância para o desenvolvimento de uma espiritualidade bíblica saudável e comprometida tanto com a história como com a missão.

Desenvolver uma teologia pastoral que leve em conta as tensões pastorais e eclesiais do mundo moderno. Deverá, também, estimular a reflexão teológica sobre a problemática familiar e pessoal que leve em conta as situações graves de crise e fragmentação.

No contexto religioso, refletir criticamente sobre temas relacionados com o universo sectário, tais como: o misticismo-esotérico e sua influência na espiritualidade de algumas práticas cristãs; e o movimento da "Nova Era".

No contexto cultural, deverá dar atenção especial ao ressurgimento da consciência e busca de reivindicação de cultura e cosmovisão indígena e afro-americana. Este desafio levanta interrogações quanto ao pluralismo religioso, às religiões antigas e às distintas expressões da religiosidade popular, a fim de estabelecer fronteiras com o Evangelho e a centralidade de Jesus Cristo, assim como o respeito, reconhecimento e valorização da cultura indígena e afro-americana.

Estratégias

- * No contexto sócio-político, promover o intercâmbio das experiências de cristãos na política de seus países; e promover a produção de material que responda a estas experiências.
- * No contexto eclesial, incentivar o diálogo entre pastores e profissionais ligados às diversas instituições com o propósito de desenvolver ações pastorais.
- * Intercambiar espaços para a prática e reflexão de diferentes modelos de espiritualidade.
- * Realizar estudos empíricos para entender os fenômenos religiosos e atuais da América Latina.
- * Produzir material adequado sobre as tendências religiosas modernas; desenvolver atividades e procurar publicar materiais que atendam às realidades e necessidades tanto no âmbito

bito familiar como no pessoal, a fim de prover pautas de orientação para a ação pastoral.

- * Finalmente, no contexto cultural, deve motivar o diálogo entre as distintas expressões de religiosidade, dentro de um contexto de respeito e valorização mútuos e de definição de fronteiras; e propiciar análises e estudos sobre a questão ecológica.

Rede de Relações

Agenda

A FTL precisa projetar-se muito mais dentro do amplo espectro da igreja evangélica, a fim de promover seus objetivos missionários, assim como assumir os espaços para obter apoio e oportunidade de chegar às bases. Isto significa ampliar a rede de relações dos núcleos locais e a FTL continental, com o propósito de dialogar e interagir com as distintas vertentes teológicas, ideológicas, políticas, intelectuais e ecumênicas, a fim de catalizar as inquietudes, o pensamento e a ação do trabalho da igreja e sua reflexão dentro de seu respectivo contexto.

Estratégias

- * Aprofundar as relações com instituições dedicadas ao trabalho teológico.
- * Aproveitar as oportunidades que surgem dos convênios que existem com entidades como INFEMIT (International Fellowship of Mission Theologyans), o Oxford Centre for Mission Studies e outras instituições.

CONCLUSÃO

Agradecemos a Deus por sua fidelidade para com a FTL e por sua contribuição ao pensamento e ação missionária da igreja na América Latina. Com um sentimento de humildade comprometemo-nos a seguir a prática missionária de Jesus, esforçando-nos no trabalho teológico da missão da igreja, sob a autoridade das Escrituras, a direção e o poder do Espírito Santo e para a glória de Deus Pai.

FRATERNIDADE TEOLÓGICA LATINO-AMERICANA - SETOR BRASIL

O Setor Brasil da Fraternidade Teológica Latino-Americana, designado como FTL-B, é uma entidade sem fins lucrativos, formada por pensadores cristãos comprometidos com a vida e com a missão da Igreja no Brasil e na América Latina. Seus **objetivos** são os seguintes:

a) Promover a reflexão em torno do Evangelho e seu significado para o ser humano e a sociedade na América Latina. Com esta finalidade estimula o desenvolvimento de um pensamento evangélico atento aos desafios da vida no continente latino-americano. Para tal reflexão se aceita o caráter normativo da Bíblia como a palavra escrita de Deus, ouvindo, sob a direção do Espírito Santo, a mensagem bíblica em relação às ambigüidades da situação concreta.

b) Constituir uma plataforma de diálogo entre pensadores que confessam a Jesus Cristo como Salvador e Senhor e que estejam dispostos a refletir à luz da Bíblia, a fim de comunicar o Evangelho em meio às culturas latino-americanas.

c) Contribuir para a vida e missão das igrejas evangélicas no Brasil e na América Latina, sem pretender falar em nome delas e nem assumir a posição de seu porta-voz no Brasil.

Para qualquer informação a respeito desta entidade de serviço à reflexão teológica, dirija-se ao endereço abaixo:

**FTL-B Secretaria Executiva
At. Rev. Wilson Costa dos Santos
Rua Ferreira Penteado, 1338/Ap.32
CEP 13010-907 - Campinas/SP**